



MONOGRAFIAS

1



CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS NA *LUSITANIA* (DO ALTO IMPÉRIO À ANTIGUIDADE TARDIA)

Coordenação de José Carlos Quaresma e João António Marques

Título

Monografias AAP

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Carlos Quaresma, João António Marques

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia de capa (cabeça de terracota localizada na c/Almendralejo 41, Mérida)

M. Bustamante

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

ISBN

978-972-9451-55-3

Depósito legal

396123/15

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos publicados neste volume são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- 7 Prefácio
João António Marques
- 9 Introdução. Um estímulo ao estudo de contextos
José Carlos Quaresma
- 13 *Terra sigillata Italica* from Caladinho (Redondo, Portugal)
Rui Mataloto; Joey Williams
- 25 Um contexto constructivo de época tardo augustea em *Augusta Emerita*
Macarena Bustamante
- 41 Um contexto alto-imperial da Rua dos Remédios, Lisboa
Rodrigo Banha da Silva
- 69 Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)
Vitor Pereira, Alcina Cameijo, António Carlos Marques
- 85 Um contexto do segundo quartel do século II: a vala do estacionamento de *Ammaia*, São Salvador de Aramenha, Marvão
José Carlos Quaresma, Vítor Dias
- 105 A *figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche – última fase de produção
Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Eurico Sepúlveda, Inês Alves Ribeiro
- 117 Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Seixal): séculos III-V
Cézer Santos, Jorge Raposo, José Carlos Quaresma
- 149 O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da *Lusitania*
António Manuel S. P. Silva, Pedro Pereira, Teresa P. Carvalho, Filipe Pinto, Laura Sousa

O CONTEXTO ALTO-IMPERIAL DA RUA DOS REMÉDIOS (ALFAMA – SANTA MARIA MAIOR, LISBOA): VIDROS, CERÂMICAS E ANÁLISE CONTEXTUAL

Rodrigo Banha da Silva

CAL/CML e CHAM-FCSH/UNL e UAç / rodb@netc.pt

Resumo

O presente estudo aborda um contexto exumado na Rua dos Remédios, em Alfama, onde se recolheu um rico e diversificado conjunto de 228 indivíduos cerâmicos e vítreos descartados numa área suburbana da cidade de Olisipo. A análise do conjunto permitiu situar a formação no principado de Cláudio, cerca de 45-50 d.C., sendo certo que o integram elementos vasculares cobrindo um espectro temporal mais amplo, médio-tardo augústeo a cláudio.

Procuraram abordar-se os aspectos morfo-tipológicos e de origem das diferentes classes de materiais, tendo-se utilizado estes elementos como ponto de partida para algumas reflexões em torno das inferências históricas e antropológicas autorizadas por este tipo de contextos urbanos.

Palavras-Chave: Perfil cerâmico, Olisipo-Lisboa, Fase júlio-cláudia.

Abstract

A closed context was excavated in Rua dos Remédios, in the Alfama quarter of Lisbon, and provided a rich and diversified sample of 228 individuals. The area was a suburban one in roman times, and the analysis points out to a discard formation originated circa 45-50 A.D., containing vessels dating from Augustus to Claudius.

The typological and origin aspects of the different classes of pottery and glass were treated, and served as a light-motive to some reflections on historical and anthropological inferences provided by this sort of urban contexts.

Keywords: Pottery assemblage, Olisipo-Lisbon, Julio-Claudian phase.

1. O ENQUADRAMENTO URBANÍSTICO ROMANO DO CONTEXTO DA RUA DOS REMÉDIOS

Até datas bastante recentes, o conhecimento sobre a ocupação romana da área exterior para o oriente à muralha medieval conhecida como «Cerca Velha», ou «Moura», resumia-se a esparsas notícias, com natural destaque para a presença de epígrafes nestas zonas suburbanas da cidade (Silva, 1945) e às quatro estátuas em bronze de cabeças de cavalo, outrora colocadas no chafariz medieval a que davam o nome (depois nomeado «*Chafariz de Dentro*»), alegadamente dali furtadas aquando do cerco castelhano a Lisboa em finais do séc. XIV (Silva, 1945). A estes elementos acrescia a existência hipotética de um anfiteatro, intuída por Octávio da Veiga Ferreira, cuja localização foi difusamente apontada para a área do Largo das Portas do Sol (Salvado, 1994), hipótese todavia por fundamentar e sem qualquer base material, que de forma sistemática foi ignorada pela investigação ulterior.

O panorama do conhecimento sobre este sector da cidade mudou de forma inequívoca na última década. Múltiplas intervenções arqueológicas detectaram estruturas e contextos romanos preservados, lançando uma nova luz sobre as origens e passado mais remoto deste sector da «Lisboa Antiga». Merecem saliência especial a confirmação da origem romana de parte do lanço oriental da «Cerca Moura» (Pimenta; *et Al.*, 2005), como já havia sido comprovado para o troço ribeirinho (Amaro, 1982; Amaro; Sepúlveda, 2007; Gomes; Gaspar, 2007), e o reconhecimento da existência de uma trama ortogonal com métrica romana, fossilizada no tecido urbano actual de Alfama, abrangendo todo o sector meridional compreendido entre a desaparecida «Porta de Alfama» e a parte mais ocidental da Rua dos Remédios (Silva, 2012). Esta última, de hipótese passou a constatação, porque corroborada pela identificação de vestígios murários romanos que se inscrevem nesse mesmo desenho e métrica, todavia ainda maioritariamente inéditos.

Apesar desta evolução positiva, e porque con-

ditionam de sobremaneira toda a nossa percepção sobre o carácter e funcionalidades em Época Romana dos espaços que aqui interessam, duas questões de vulto carecem de respostas mais concludentes: a já aludida existência de um anfiteatro e as cronologias da muralha romana na zona da Rua de São João da Praça.

Começando por este último elemento urbano, as intervenções arqueológicas conduzidas em três ocasiões distintas numa limitada área da Rua de São João da Praça sob a direcção de Manuela Leitão, revelaram novos e importantes dados sobre a “romandade” da «Cerca Moura», documentando a sua existência no lugar desde, pelo menos, o Baixo Império (Pimenta; *et Al.*, 2005). Os diversos elementos expositivos e de divulgação cultural patentes ao público no Pátio da Senhora de Murça, aqueles que teremos de nos socorrer por serem os únicos disponíveis (a intervenção permanece inédita de outra forma), revelam uma dinâmica que se poderia qualificar como contundente a respeito do esclarecimento da cronologia da origem da estrutura murária: por um lado, ao fixar a sua anterioridade a uma lixeira que encostava ao paramento exterior, na qual se recolheram, entre outros elementos associados, «*sigillata cinzenta paleocristã*» e africana clara, fornecendo datas dentro do pleno séc. V d.C. para a dita formação detritica; noutro sentido, determinando a sua posteridade a níveis de urbanismo tardo-republicano romano, com construções edificadas sobre socos em pedra seca, sobre os quais assentavam, por seu turno, depósitos contendo cerâmicas datáveis genericamente de entre os séculos I-III/IV d.C., incluindo materiais de construção e blocos de fresco, justapostos pela base do paramento externo da muralha; reforçando estas observações, na zona da via pública actual o mesmo paramento estava edificado sobre uma rua cardinal pavimentada a laje e dotada de cloaca, de inquestionável cronologia também romana imperial. A conclusão dos escavadores foi a de que, e justamente, o paramento externo era tardo-romano.

Contudo, afigura-se excessivo terem extendido aquela cronologia do Baixo Império à edificação da totalidade da estrutura, sobretudo tendo em con-

ta os dados conhecidos da antiga Casa Sommer (Gomes; Gaspar, 2007) que poderiam ter sugerido outras leituras bem diversas e plausíveis na mesma medida. Talvez devido a esta lacuna de perspectiva, as intervenções ulteriores à de 2002, programadas e executadas no quadro de projecto de investigação, quase se cingiram ao exterior da estrutura, quando seria justamente no seu lado interno que resultaria potencialmente mais clara a sua origem enquanto elemento urbano.

Deste modo, os elementos são ainda insuficientes para esclarecer de forma definitiva a existência (ou não) de uma estrutura de data alto-imperial do mesmo tipo e no mesmo local, à qual se sabe que adossou um espessamento no Baixo Império no troço ribeirinho, conforme se comprovou de forma cabal na intervenção arqueológica próxima dos «Armazéns Sommer» (Gomes; Gaspar, 2007). A presença do elemento urbano alto imperial, porém, surge sugerida em São João da Praça quer através da data tardo-republicana romana dos contextos mais recentes cortados pelo remanescente do lado interno da muralha (Pimenta; *et Al.*, 2005), quer pela sequência patenteada no Pátio da Senhora de Murça, com destaque aqui para a desactivação da urbanística romana prévia, de alegada cronologia republicana, todavia por aferir ainda.

No que respeita à hipótese da existência de um anfiteatro na área de Alfama, é objectivo afirmar-se que nenhum vestígio construtivo romano de vulto subsiste hoje na zona e que deste modo nos indicasse a presença de um edifício desta natureza. Do mesmo modo, e se é certo que nos troços visíveis do lanço oriental da «Cerca Moura» estão patentes numerosos elementos arquitectónicos romanos reutilizados, bem visíveis no paramento externo do lanço Largo das Portas do Sol-Rua Norberto de Araújo, casos dos numerosos silhares almofadados distintos dos que conhecemos do Teatro Romano, fustes de coluna e meia-coluna, entre outros. Nada comprova, porém, que no todo ou em parte os elementos arquitectónicos mencionados tenham pertencido à edilícia pública da cidade romana, como nada no momento os conecta com um anfiteatro.

Contudo, e em função do estado actual dos nossos conhecimentos sobre a remota origem do urbanismo desta zona de Alfama, a existência do edifício é provável para uma zona específica, com base em argumentos de dois tipos: em primeiro lugar, porque a morfologia do urbanismo subsistente hoje na área próxima à Igreja de São Miguel de Alfama permite entrever no desenho deste parcelário antigo de Lisboa um foco originário oval, com dimensões similares às de anfiteatros hispânicos de média dimensão, ligeiramente menores que os casos de Conímbriga ou Tarragona, sendo que este espaço da cidade se apresenta hoje sucessivamente repartido em função dos seus diâmetros maior e menor e respectivas partições radiais definidas a partir destes dois eixos fundamentais; em segundo lugar, a topografia do local na Antiguidade, situado junto do suposto trajecto da *uia Olisipo-Scallabis*, como convém a este tipo de equipamento público romano, dispondo ao mesmo tempo de um manancial de água disponível, indispensável ao seu funcionamento, e de uma encosta em meia-lua na parte setentrional onde apoiar a construção de parte da *cauea*, justamente a zona onde melhor se preserva hoje a referida trama radial subsistente.

Com a questão ainda em aberto do traçado que terá seguido na parte baixa de Alfama a muralha alto imperial, deveras importante porque definidora de espaços funcional e simbolicamente distintos, é seguro para leste o desenvolvimento do eixo de circulação que partia da zona das antigas «Portas de Alfama» em direcção aos *agri* e, depois, a *Scallabis*, pois em 2006 foi detectado um troço seu na Rua da Regueira, ladeado por construções limitadas às áreas confinantes. Um outro elemento, mais discreto, e que importa valorizar, uma sepultura de incineração datável dos séculos II-III d.C. já encontrada fora do seu local original, não longe da Igreja de São Miguel de Alfama (Vieira, 2012), confirma que parte dos espaços desta área mais próxima à *uia* foram alvo de uso funerário, prática executada fora do *pomerium* e que é altamente sugestiva de estarmos em plena zona suburbana oriental da cidade romana dos séculos I-III d.C. (Silva, 2012).

É neste quadro suburbano que se inscreve o contexto de uma acumulação detritica de aparente carácter doméstico escavado na Rua dos Remédios, justificando-se plenamente a sua presença com o carácter extra-muros que a envolvente encerrou durante o Alto Império.

2. O CONJUNTO CERÂMICO E VÍTREO DO CONTEXTO DA RUA DOS REMÉDIOS

O contexto foi identificado primeiramente numa acção de emergência em 2005, num antigo saguão existente entre a lateral oeste da Ermida de N.ª Senhora dos Remédios, o tardóz do prédio com os n.ºs 7-9 da Rua dos Remédios e o do edifício com o n.º 12 do Beco do Espírito Santo.

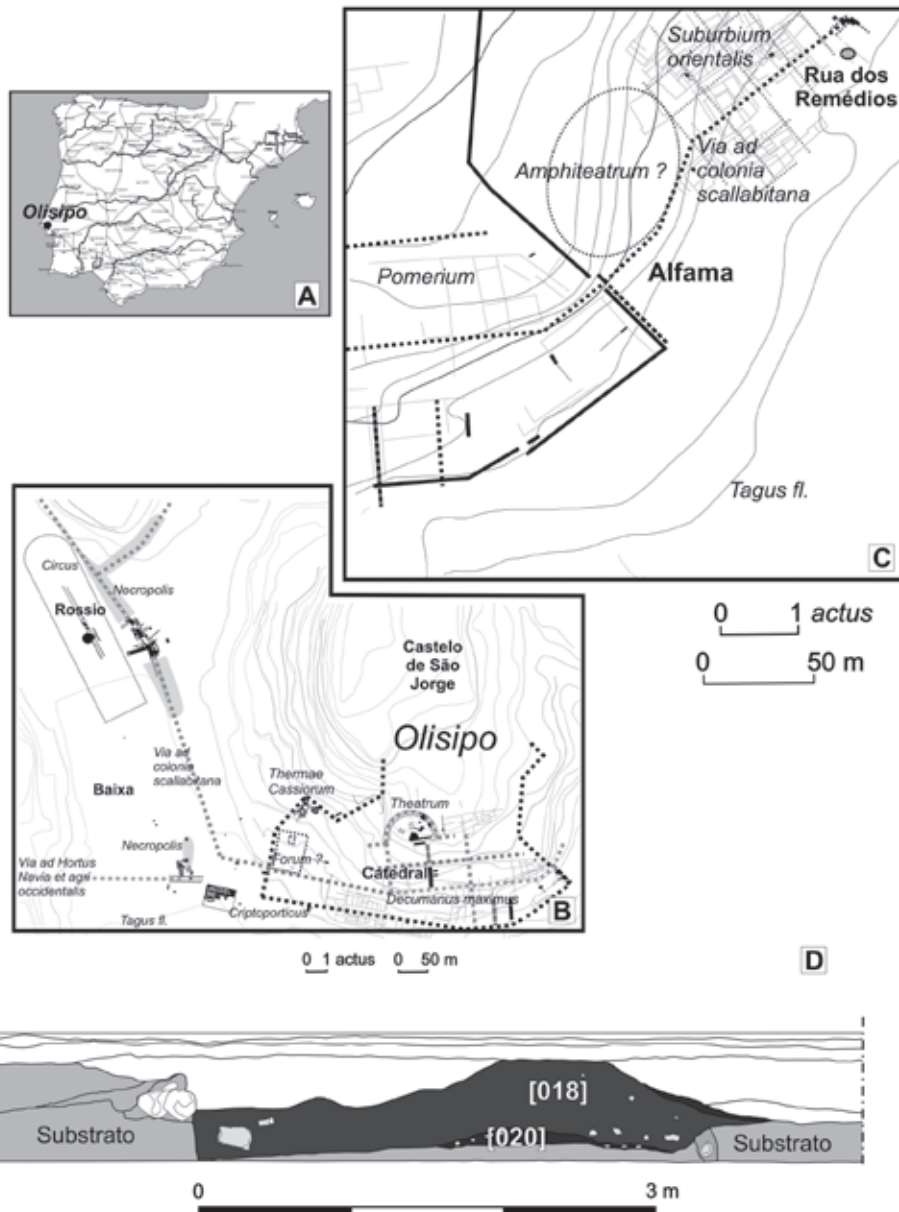
Era composto essencialmente por duas U.E.s de maior potência, areno-argilosas, intercaladas por uma outra mais arenosa e amarelada, de fraca potência, depositadas numa depressão do substrato geológico e colmatando o pequeno desnível formado por este. A sequência apresentou-se coberta pela ocupação sequente, datada já da Idade Média, do período final de dominação islâmica, onde não se verificaram ocorrências de materiais de cronologia similar à do contexto alto imperial. Os contextos medievos terão garantido a integridade dos mais antigos, somente afectados pela obra de 2005 e pelas acções intrusivas das campanhas relacionadas com as vivências urbanas de Época Moderna e Contemporânea (buracos de poste de andaimes, alicerces, regularizações para colocação de pavimentos e roços destinados às estruturas de saneamento).

Assumem algum significado quer a circunstância de fragmentos dos mesmos objectos terem sido colectados em áreas diferentes e em U.E.s distintas, como os factos de a fauna associada ao contexto romano ser predominantemente escassa e formada quase em exclusivo por elementos mamalógicos, particularmente fragmentos de ossos longos, estando quase ausentes outros elementos osteológicos de porções dos indivíduos (Casimiro; *et Al.*, no prelo) e do metal estar de igual forma ausente. Parece poder ler-se nestes indicadores que o conjunto terá

resultado de um descarte essencialmente doméstico, onde se verificou uma triagem prévia, para reciclagem designadamente de metal e vidro.

A interpretação acima produzida surge reforçada pela composição funcional do conjunto cerâmico e vítreo: num total de 228 indivíduos (NMI – Arcelin; Tufreau-Livre, 1998) é notória quer a paucidade de cerâmica de construção presente (6 NMI – não considerada estatisticamente), estando ausentes os *lateres*, quer a ausência dos grandes contentores (os *dolia* de “tipologia romana”); a representatividade relativa atingida pelos elementos vasculares do serviço de mesa é alta (34% NMI), como a dos destinados a outros usos domésticos diversos (8% NMI, onde se conta um amplo conjunto de lucernas – 12 NMI –, a par de dois pesos de tear, uma estatueta em terracota, uma ficha de jogo e dois unguentários), o que contrasta com as expressões atingidas quer pela loiça destinada à preparação e conservação de alimentos (40% NMI), quer pelo material anfórico (11% NMI). Estamos convictos de que este perfil funcional será bem evocativo de uma acção que, apesar de ter implicado um transporte denunciado pela elevada fragmentaridade das espécies, terá ocorrido a partir de zonas próximas e sido formado num lapso de tempo restrito, que os elementos datantes demonstram (*conf. infra*).

Com interesse para a aferição cronológica do conjunto estão presentes *terra sigillata*, “Cerâmica de Paredes Finas”, cerâmica vidrada, lucernas e ânforas cobrindo um espectro situado entre os principados de Augusto, a partir da transição da Era, pelo mais, e de Nero. Aqui, uma panóplia de dados aponta para limites máximos ainda dentro do principado de Cláudio, designadamente o predomínio ainda da *sigillata* itálica sobre os fabricos sudgálicos (26 vs. 17 NMI), a inexistência entre estes últimos de formas como as Drag. 35, 36 e 37, a representatividade ainda significativa da “Cerâmica de Paredes Finas” oriunda da Península Itálica (c. 6/17 NMI), a larga prevalência das elaborações itálicas de lucernas sobre as da bética (c. 80% deste conjunto) e, a dar crédito às hipóteses de Martin-Kilchner sobre a evolução da morfologia do bordo das ânforas oleá-



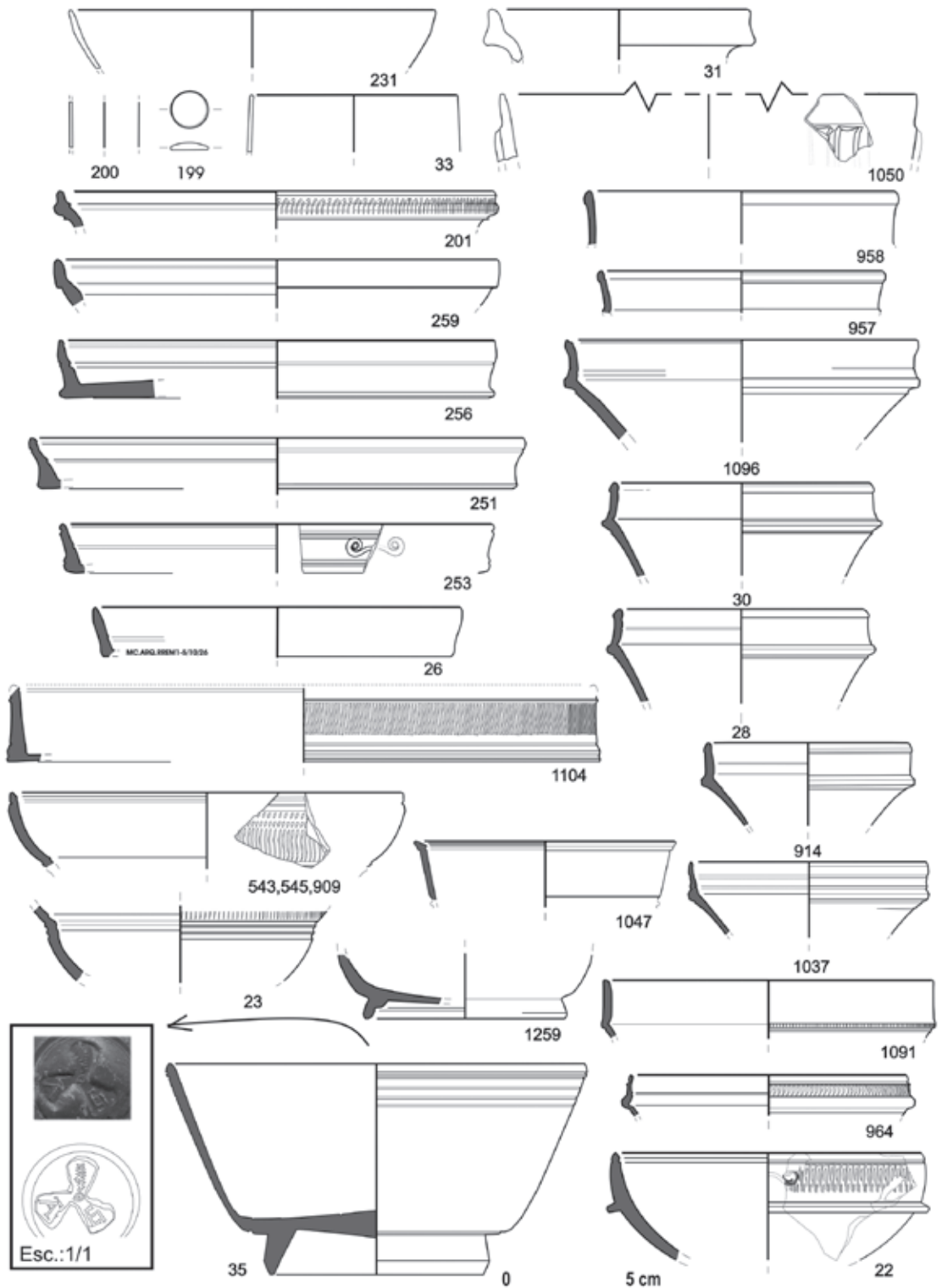
Estampa 1

rias béticas de corpo ovóide-esférico, sintomaticamente se registam somente as variantes de bordo 3 a 6 da sua proposta (Martin-Kilchner, 1983, p. 341). Precisando melhor estes dados, a “marca de oleiro” em *terra sigillata* rutena de *Luceius i* (NOTS; Silva, 2012) fixa um *terminus post quem* de 45 d.C. para a deposição das unidades no interior da depressão, que não deverá ter ocorrido muito após o meio do primeiro século da Era.

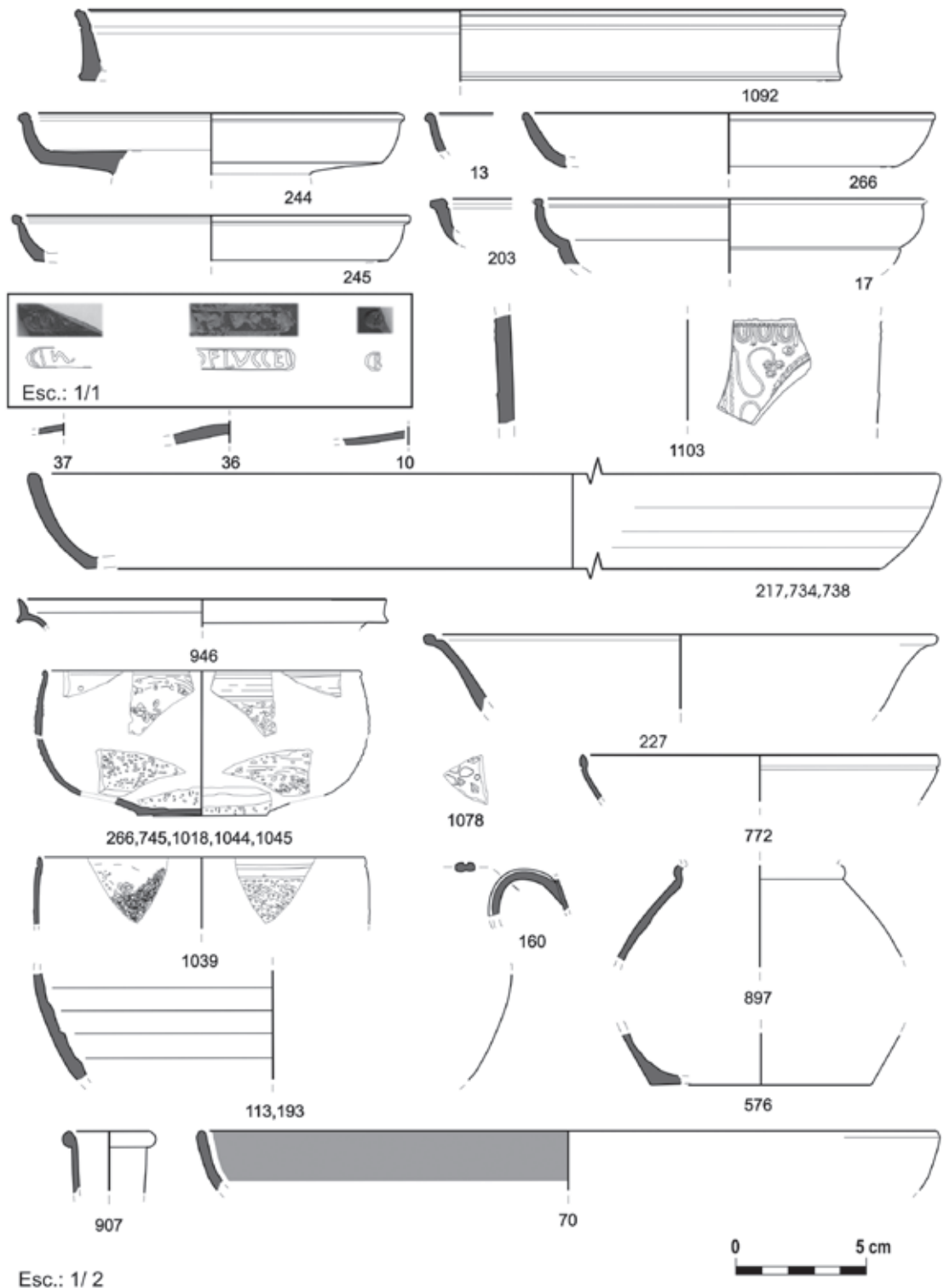
2.1. Vidro (Estampa 2)

O conjunto vítreo é somente composto por cinco elementos (NMI).

A “taça de costelas” nº 1050 equivale à morfologia Isings 3a, de todo o séc. I d.C. (Isings, 1959, p. 18-19), apresentando uma côr azul gelo (Pantone 7464 C), com alguns alvéolos e impurezas. Com características de fabrico similares, o bordo nº 31 poderá atribuir-se ao tipo Isings 16, o frasco mais comum ao



Estampa 2



Estampa 3

longo do séc. I d.C., surgido no seu segundo quartel (Isings, 1959, p. 34), mas o fragmento é insuficiente para garantir esta classificação, e a modelação do lábio não seria, neste caso, a mais comum. O gargalo nº 200, do mesmo fabrico, também poderá incluir-se nesta classe de objectos, pois é demasiado largo para unguentário. Como os anteriores, nº 33 é taça enquadrável na forma Isings 12, que remonta a Augusto (Isings, 1959, p. 29). Em vidro trâslúcido, com pequenas bolhas de ar e algumas impurezas, a taça hemisférica nº 231 não autoriza uma precisa atribuição tipológica. Por fim, nº 199 equivale a uma peça de jogo, em vidro branco, opaco, de superfície “picada”, com algumas bolhas de ar, sendo um elemento de largo espectro cronológico.

2.2. Terra Sigillata (Estampas 2 e 3).

A *terra sigillata* do contexto da Rua dos Remédios é composta por 34 indivíduos, dos quais 26 itálicos, 17 sudgálicos e 2 hispânicos, do «tipo Peñaflores».

Entre os elementos vasculares itálicos existe uma preponderância de formas do período lato de transição entre os principados de Augusto-Tibério e Tibério, como as *Consp.* R7 (?) (1 NMI – nº 201), 7.1.2 (2 NMI – nº 35), 14, 15 ou 17 (1 NMI), 18.2 (3 NMI – nºs 251, 256), 20.3 (1 NMI – nº 253), 31.1 (2 NMI – nºs 543, 23) ou 33.1 (1 NMI – nº 22), sendo que algumas destas podem encerrar cronologias de fabrico até Cláudio. Merece destaque o contingente datável como contemporâneo e/ou posterior à segunda década da Era, 23.2 (4 NMI – nºs 30, 957, 958) e 27.2 (1 NMI – nº 1047), o primeiro dos quais o tipo itálico mais bem representado. Entre as “marcas de oleiro” destaca-se nº 35, a única itálica, colocada numa taça *Consp.* 7.1.2 assinada por *Ateius* (3) (OCK), de Pisa, que mais não permite do que corroborar as indicações cronológicas genéricas do grupo.

A representação das produções sudgálicas, onde somente se atestam elaborações de La Graufesenque e centros seus dependentes, é, apesar de tudo, pobre. A par de formas menos evolucionadas, como a *Drag.* 17B (nº 1092 – 1 NMI), surgem exemplares dos tipos estandarizados mais comuns e que mais perduram, como o *Drag.* 18 (4 NMI – nºs 13, 244,

245) ou *Drag.* 27 (3 NMI- nºs 17, 203), notando-se a paucidade de taças decoradas, onde somente se atestou *Drag.* 30 (1 NMI- nº 1103). As formas estandarizadas referidas ou ostentam perfil mais grácil ou são dotadas de canelura no exterior do pé, o que sugere momentos menos avançados do período de maior exportação para Lisboa (Silva, 2012). Os oleiros identificados restringem-se a *Cia(...)*, *Lucceius i* e *Rufinus ii* (NOTS), os últimos de ampla difusão, respectivamente activos ao longo de Tibério-Cláudio, e Cláudio-Nero para o caso de *Rufinus ii* (NOTS; Silva, 2012).

Forma/Tipo	B	C	F	P	Fr	NMI
Consp. 12 (.4 ?)	1	0	0	0	1	1
Consp. 18.2	3	0	0	0	3	3
Consp. 20.1.1	1	0	0	0	1	1
Consp. 19 ou 21	0	1	0	0	1	1
Consp. 20.3	1	0	0	0	1	1
Consp. B.2.3	0	0	2	0	2	0
Prato Indeterminado	1	0	2	2	5	0
Consp. 7.1.2	2	0	0	0	2	2
Consp. 14, 15 ou 17	0	0	1	0	1	1
Consp. 17.3 (var.?)	1	0	0	0	1	1
Consp. 22.4	1	0	0	0	1	1
Consp. 23	0	3	0	0	3	0
Consp. 23.1	1	0	0	0	1	1
Consp. 23.2	4	0	0	0	4	4
Consp. 28.3	1	0	0	0	1	1
Consp. 27.2	1	0	0	0	1	1
Consp. 31.1	1	1	0	0	2	2
Consp. 32.1	0	1	0	0	1	1
Consp. 33.1	1	0	0	0	1	1
Consp. 36.4	2	0	0	6	8	2
Taça/Tigela Indet.	0	0	2	11	13	0
Consp. R.7 ?	1	0	0	0	1	1
Total Itálicas	23	6	7	19	55	26

Tabela 1 – Quantificação da *terra sigillata* itálica e sudgálica em termos de fragmentos e de NMI, com indicação da porção presente (B = bordo; C = carena ou inflexão; F = fundo; P = parede).

Forma/Tipo	B	C	F	P	Fr.	NMI
Drag. 17B	1	0	0	0	1	1
Drag. 15/17	0	0	2	0	2	2
Drag. 18	4	1	1	0	6	4
PratoR	0	0	1	0	1	1
Prato Indetermin.	0	0	4	5	4	0
Ritt. 8	0	0	2	0	2	2
Drag. 24/25	0	2	1	0	3	2
Drag. 27g	2	1	3	0	6	3
Tig. Indet.	0	1	1	12	14	0
Drag. 30	0	0	0	1	1	1
Total Sud-gálicas	14	9	9	2	40	17

Tabela 2 – Quantificação da *terra sigillata* itálica e sudgálica em termos de fragmentos e de NMI, com indicação da porção presente (B = bordo; C = carena ou inflexão; F = fundo; P = parede).

A imitação de *terra sigillata* denominada «tipo Peñafior» surge representada somente através de uma forma Mart.Ic, com pasta e revestimento de características inequivocamente gaditanas, e de uma outra do tipo Illb (Martínez Rodríguez, 1989; *apud* Amores; Keay, 1999), atribuível da Bacia do Guadalquivir (Bustamante Álvarez; Huguet Enguita, 2007).

2.3. «Cerâmica de Verniz Vermelho Pompeiano»

Na Rua dos Remédios ocorre tão só um indivíduo da produção em epígrafe, de pasta inquestionavelmente campana, classificável como Luni 5. Trata-se de um morfotipo comum dentro do fabrico, já antes assinalado em Lisboa no Teatro Romano (Fernandes; Filipe, 2007), em contextos que reputamos como tibérios iniciais, embora contendo abundante material mais antigo “associado” (Silva, 2012).

Merece menção circunstancial a funcionalidade deste elemento vascular que, como outros tipos análogos do mesmo grupo de produção e afins parece não equivaler a um objecto de cozinha mas antes integrar o trem de mesa, cumprindo a função de apresentar os alimentos e/ou conservá-los quentes, i.e., operando como requentador (Allison, 2010).

2.4. Cerâmica vidrada (Estampa 4)

A ocorrência de um indivíduo representado por um só fragmento de cerâmica romana vidrada, embora

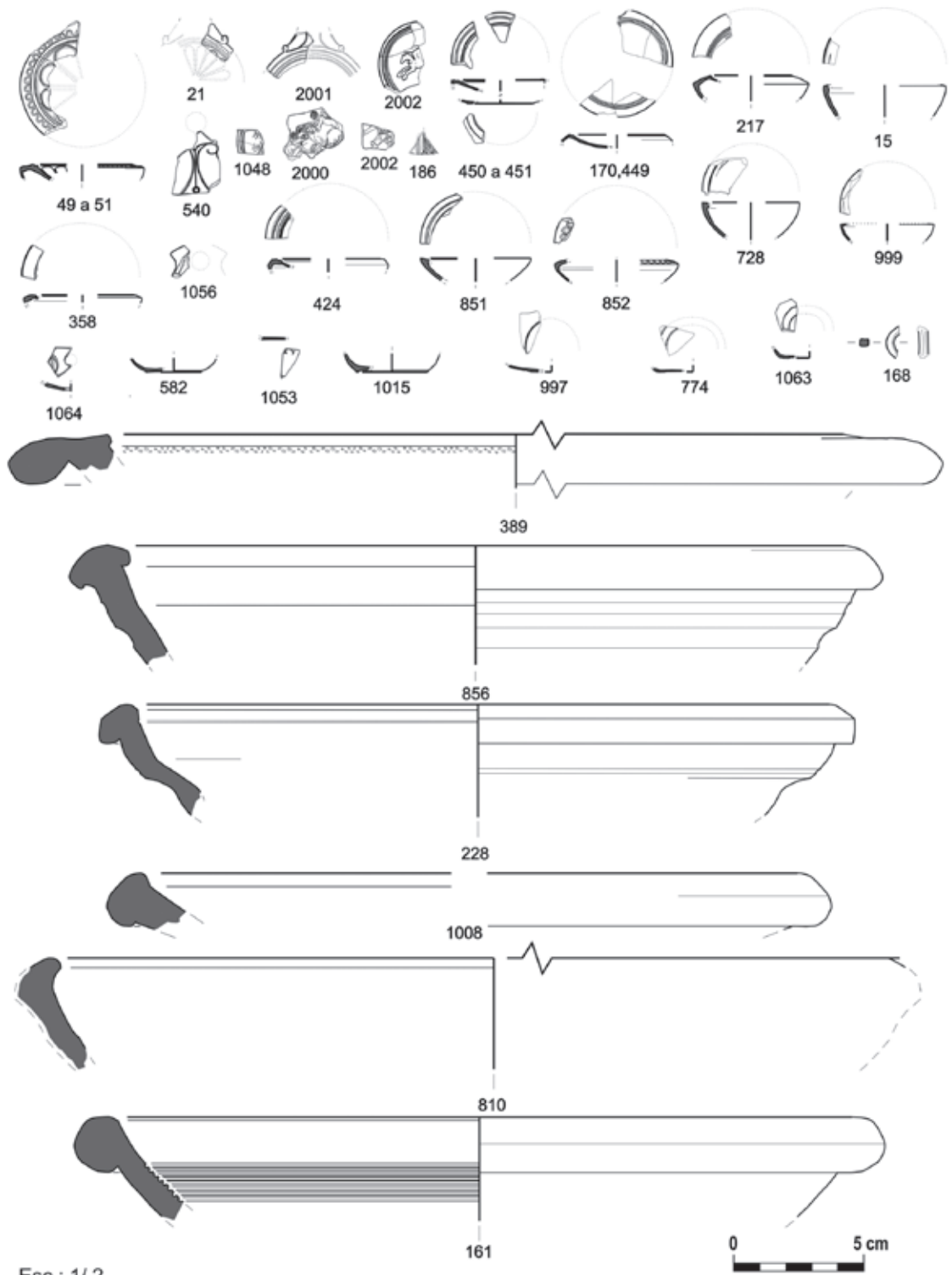
rara, não se pode entender como excepcional na região do Baixo Tejo, tendo presente o famoso exemplar de *skyphos* encontrado num sepultamento em Paredes-Alenquer (Pereira, 1970), datado mais provavelmente de Cláudio (Silva, 2012).

No caso presente, a pasta muito depurada e a presença de piroxenas indicam uma produção centro-itálica, mais provavelmente campana (López Mullor, 1981). Apesar das reduzidas dimensões, os detalhes morfológicos autorizam a sua classificação dentro do tipo López Mullor 5, *kalix* decorado a molde que se considera remontar a Tibério, pelo menos, prosseguindo o fabrico até c.50 d.C. (López Mullor, 1981, p. 211), o que os contextos vesuvianos parecem corroborar (Benedetto; *et Al.*, 2008).

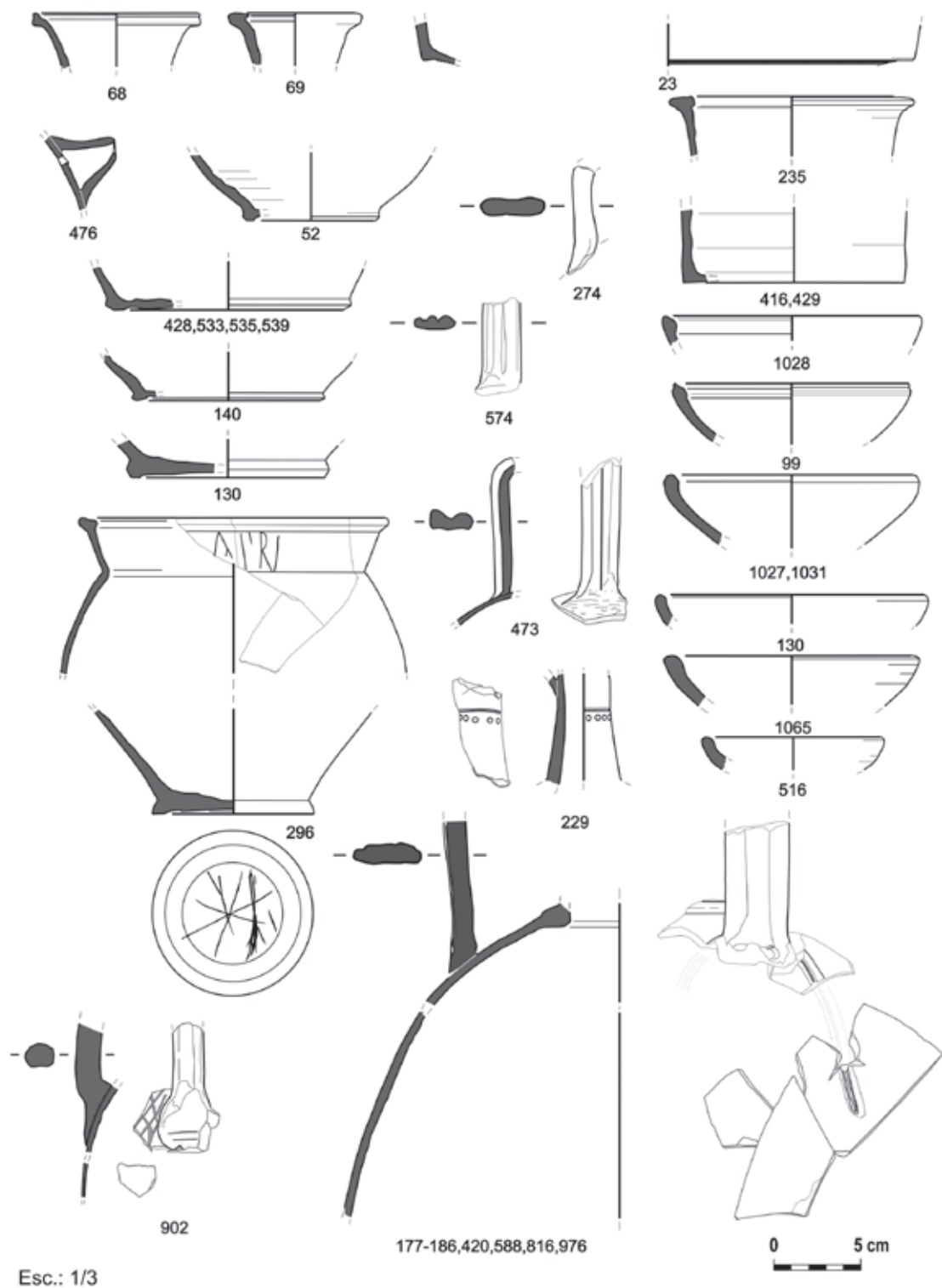
2.5. “Cerâmica de Paredes Finas” (Estampa 3)

O conjunto de fragmentos desta classe é mais elevado do que sua expressão em número de indivíduos, perfazendo um total de 17 (NMI). A ocorrência de exemplares itálicos não é de estranhar, notando-se no *facies* cerâmico olisiponense um domínio desta origem nas etapas iniciais de Tibério que só se irá esbater no final deste principado (Silva, no prelo). As formas identificadas remetem para fabricos que se podem genericamente designar como centro itálicos, não sendo possível adscriver às regiões aqui englobadas os respectivos indivíduos: detectaram-se um copo Mayet XXXIII, corrente entre c.10 a.C. e 30 d.C., dubitativamente um exemplar de Mayet XLI (nº 897), augústeo, e um outro de Mayet X (nº 792), sendo inclassificáveis os restantes (nºs 160 e 576) (Mayet, 1975).

Embora ocorram em contextos lisboetas já com Tibério, é em Cláudio que ocorre a mudança no aprovisionamento, com a prevalência marcada a passar para as elaborações vasculares béticas, as mais representadas no conjunto (11 NMI). Destas, somente um pequeno fragmento com decoração de espinhas (nº 1078) não se insere no grupo dotado de decoração arenosa, externa, interna ou em ambas as superfícies, restringindo-se o repertório à comum taça Mayet XXXVII, equivalente aos restantes 10 vasos individualizados (nºs 266, 1039).



Estampa 4



Estampa 5

2.6. Unguentários (Estampa 3)

Dois indivíduos ilustram a presença deste tipo de recipiente em contexto doméstico olisiponense. Ambos os exemplares mostram uma pasta muito depurada e compacta, de coloração rosa claro (Munsell 5YR7/4), sendo dotados de idêntico verniz interno de boa qualidade, negro e acastanhado, brilhante, que lhes denuncia uma origem centro-italiana. O nº 907 preserva o gargalo e o bordo de uma morfologia provavelmente do tipo Oberaden 28 ou Py1 ou 2 (Py, 1993), já atestadas em Lisboa na necrópole escavada no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Bugalhão; *et Al.*, 2013 – aproveite-se o ensejo para corrigir a errónea aplicação aqui do termo *cemitério*, e assinalar a exclusão no estudo das sepulturas de incineração assinaladas com colos de ânfora cortados – conf. Bugalhão, 2001, p. 32 –, prática com bons paralelos em Córdova, como aliás já havíamos referido – conf. Silva, 2012, p. 348).

O nº 113-193 é uma porção da pança, de impossível classificação. Trata-se de uma parede com revestimento interno no característico verniz centro-italiano e fino engobe esbranquiçado externo, de um objecto de grandes dimensões dentro da tipologia a que pertence. Deverá referir-se, a este respeito, que em contextos tardo-republicanos e augústeos os artefactos com estas dimensões são ocorrentes, ainda que em escassa quantidade, podendo aqui evocarem-se os exemplos levantinos de Ampúrias e Mataró (Revilla; Roca Roumens, 2010, p. 83, fig. 28, nº 17 e 132, lám.4, nº 4).

2.7. Lucernas (Estampa 4)

O conjunto de lucernas encontra-se infelizmente muito fragmentado, não sendo possível adscrever a uma tipologia, ou vislumbrar as gramáticas decorativas globais das 12 lucernas individualizadas. Neste domínio, assinalam-se decorações de *puti* com leão (nº 2000), gladiador (nº 2002), Pégaso (nº 2003), um fragmento de personagem com *peplos* (?) (nº 186) e duas rosáceas, de oito (nºs 49-51) e dezasseis pétalas (nº 21).

Estão seguramente presentes os tipos Dressel-

-Lamboglia 9B (nº 1056) e Dressel-Lamboglia 11B (nºs 21, 540 e 49-51), qualquer deles em fábrica italiana. A diversidade de modelação do ombro reservatório-orla e a largura deste atributo permitem supor um equilíbrio entre estes tipos que, contudo, se não pode garantir. Uma «marca de oleiro» incisa, num fabrico bético (nº 1053), está todavia muito fragmentada e por consequência ilegível.

2.8. Terracotas (Estampa 9)

A raridade de representações coroplásticas cerâmicas nos contextos romanos lisboetas resultará mais do desconhecimento acerca deste tipo de artefacto do que da sua efectiva ausência: de facto, trazemos em estudo exemplares recolhidos na Praça da Figueira, Palácio dos Condes de Penafiel e Mandarin Chinês-Rua Augusta, que se vêm acrescentar ao único já publicado da cidade, do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Bugalhão, 2001).

No contexto da Rua dos Remédios foi colectado o nº 619, um fragmento de cabeça de pequena estatueta que vem documentar a presença deste tipo de objecto em época julio-cláudia, com uma pasta típica do Tejo afim à que se encontra em outras produções oleiras regionais, nomeadamente as cerâmicas comuns, ânforas e materiais de construção.

2.9. Cerâmica Comum

A «Cerâmica Comum» engloba uma diversidade de fabricos e de funcionalidades tal que, como se reconhece, lhe confere contornos imprecisos (Alarcão, 1974, p. 29 e segs.). «Classe» cerâmica quantitativamente prevalente na Rua dos Remédios (135/228 NMI), como é habitual na maioria dos contextos de descarte urbano, os elementos que a compõem demonstram a própria fragilidade da designação: há que enfatizar desde já a importância da «Cerâmica Cinzenta», que já não é fina como na sua origem mais remota sidérica, mas que continua, segundo os dados deste contexto, a ser uma importante componente nos “serviços de mesa” dos olisiponenses julio-cláudios (25/94 NMI). É justamente por esta razão que optámos por privilegiar na apresentação critérios de origem, enunciando primeiro as cerâmi-

cas importadas, incluindo aqui fabricos regionais lusitanos exteriores ao Baixo Tejo português, e assim as distinguindo das prevalentes elaborações regionais de loiça de mesa, cozinha e armazenamento domésticos.

2.9.1. Cerâmica comum importada

2.9.1.1. Fabrico itálico (Estampa 4)

Exemplar único com a origem em epígrafe, o fragmento de bordo de almofariz centro-itálico nº **389** apresenta a característica pasta de coloração rosa claro (Munsell 5YR7/4) e o engobe exterior rosa esbranquiçado (Munsell 7.5YR8/2), inserindo-se no tipo Dramond D1, originado ainda em período tardo-republicano com prolongamento da produção até à sua definitiva substituição nos mercados por modelos mais evolucionados (Aguarod Otal, 1991).

2.9.1.2. Fabricos béticos (Estampas 4 e 5)

Como é comum acontecer em Lisboa nos contextos datados do final da República e dos Imperadores Júlio-Cláudios, a cerâmica comum oriunda da bética costeira e da Bacia do Guadalquivir está presente na Rua dos Remédios (Silva, no prelo). Nesta fase cláudia, a proporção parece ser menor do que em momentos mais recuados (Silva, no prelo), e no conjunto das «Cerâmicas Comuns», as importações da província vizinha não ultrapassam os 20 indivíduos. As tipologias presentes são as mais recorrentes em território português (Pinto; Morais, 2007), com natural destaque para a série de almofarizes, com as morfologias mais correntes na fase 2 da proposta de periodização de José Carlos Quaresma (2006), nas variantes de bordo arredondado (**Estampa 4, nºs 856, 228, 1008, 810 e 161**) e de bordo em martelo (**Estampa 4, nº 856**). Deverá notar-se aqui a predominância dos segundos (6 NMI) sobre o primeiro (1 NMI).

Os potes de corpo cilíndrico estão representados por um indivíduo (**Estampa 5, nºs 234 e 429**). Esta forma pode evocar os bem-sucedidos vasos em “sombbrero de copa”, estes presentes nos contextos republicanos de Lisboa desde finais do séc. II a.C. (Pimenta, 2005). A confirmar-se esta hipótese, te-

riam sido comerciados pelo seu conteúdo. No mesmo sentido, talvez uma explicação desta natureza explicasse melhor a expressão quantitativa elevada das pequenas tigelas oriundas da bacia de Cádiz (6/20 NMI em C.C. bética; **Estampa 5, nºs 1028, 99,1031, 130, 1068 e 616**).

Completam o repertório com esta origem potes bi-
-asados de bordo divergente (**Estampa 5, nº 274**) e jarros/bilhas (**Estampa 5, nº 68, 69**), uma das quais dota de bico vertedor colocado ao nível do corpo (**Estampa 5, nº 476**).

Um indivíduo foge, contudo, a este panorama, e coloca problemáticas peculiares: o nº **23** é um fragmento de carena, de parede de tendência vertical e fundo profusamente estriado, cuja semelhança com algumas formas da «Cerâmica Africana de Cozinha» é evidente. Contudo, a sua pasta bícroma, amarelada e alaranjada, é típica do «Círculo do Estreito», idêntica à que encontramos nos envases anfóricos. Trata-se, por consequência, de uma reprodução de um modelo tunisino, cujos testemunhos mais antigos se crê não chegarem à Península Ibérica antes do advento de Vespasiano. Trata-se de um elemento de evidente discrepância cronológica num conjunto muito homogéneo, e a explicação para a sua presença tanto poderá radicar em processos pós-depositivos verificados no local, como traduzir outras questões mais complexas, para as quais não possuímos elementos de discussão.

2.9.1.3. Fabricos lusitanos do Morraçal da Ajuda (Peniche) (Estampa 5)

A olaria do Morraçal da Ajuda (Peniche) é conhecida sobretudo pela sua produção anfórica, muito embora os investigadores ligados ao seu estudo tenham divulgado dados suficientes sobre as restantes elaborações que ali tiveram lugar (Cardoso; Rodrigues, 2005).

Embora ânforas oriundas deste lugar costeiro do Oeste tenham sido já registados em Lisboa, em contextos neronianos (Silva, no prelo), estas estão ausentes no contexto da Rua dos Remédios. Em compensação no local regista-se 3 recipientes em cerâmica comum, com a característica pasta bícroma e a su-

perfcie interna com laivos violeta de Peniche: de paredes delgadas, o nº 473 é um fragmento de asa com uma secção tipicamente penicheira; o nº 177 é um recipiente de razoável dimensão de que se conserva somente a asa e porções da parede, com uma curiosa decoração plástica lunular aplicada junto à asa; o nº 296 é um pote de colo exvertido, bordo de lábio amendoado espessado externamente, corpo provavelmente ovóide e uma base um pouco convexa de pé ligeiramente destacado. Neste último recipiente, presente por porções das partes inferior superior, o fundo ostenta um grafito radial e na face externa do colo, sob o lábio e a inflexão para o corpo, o grafito APRI (“*de Aper*”) em cursivo com detalhes arcaizantes. De notar que os dois vasos primeiramente citados têm um cuidado alisamento externo e uma pasta mais depurada, o pote nº 296 têm uma pasta menos depurada e um revestimento exterior de uma aguada esbranquiçada, assinalado frequentemente nas ânforas oriundas do Morraçal da Ajuda.

2.9.1.4. Fabricos de origem incerta, não regionais (Estampa 5)

Não arriscámos a atribuição de origem de dois recipientes, que mostram pastas distintas das restantes representadas e tratamentos que também não conseguimos repertoriar. Mérida afigurou-se como uma hipótese, mas os dados de comparação são insuficientes, e portanto outras origens são também plausíveis.

O nº 229 é um fragmento conservando o gargalo e vestígios do arranque de asa na sua parte superior de bilha. Apresenta abaixo do encaixe da asa uma canelura, tendo-lhe sido aplicada uma matriz de pequenos circulos formando um colar. A superfície foi cuidadosamente espatulada, de aspecto quase brunido. A pasta é bícroma, creme com a parte mais interior rosada clara, dura, homogénea, com frequentes elementos não plásticos, dos quais partículas negras em palheta, elementos quartzosos, ferruginosos e cerâmica moída. O nº 478-902 é um fragmento de asa de secção circular e porção de parede, com pasta e similar à anterior, diferindo

somente na côr, por apresentar o cerne acinzentado claro e as superfícies rosa-amareladas. Nestas a externa, igualmente bem alisada a espátula, mostra duas incisões paralelas no encaixe inferior da asa e a porção da parede que ladeia este elemento ostenta um reticulado inciso, pouco profundo e de secção romboidal.

2.9.2. Cerâmicas comuns regionais, do Tejo/Sado

A incipiência dos estudos regionais nos vales dos dois grandes, importantes e dinâmicos núcleos oleiros do ocidente lusitano no Alto Império, e a impossibilidade da execução de análises arqueométricas, justificam a designação aplicada. Neste sentido, e muito embora se não distinga aqui um e outro Vale, é lógico induzir que o Tejo esteja muito mais representado no conjunto da Rua dos Remédios, e a ele se deverão reportar a maioria dos indivíduos.

Deverá notar-se que os estudos taganos sobre esta «classe» só em data muito recente parecem ter-se iniciado em forma, devendo a esse propósito destacar-se a investigação desenvolvida por Cézer Santos (2012) sobre os fabricos da olaria da Quinta do Rouxinol (Seixal). Contudo, o facto de esta incidir sobre momentos um pouco mais avançados no tempo, obrigou a uma “arrumação” própria das morfologias de acordo com critérios não experimentados antes. Não se trata aqui, por isso, de uma proposta tipológica, mas tão só de utilizar este tipo de trabalho classificatório como instrumento, que certamente os desenvolvimentos futuros irão corrigir e afinar.

A nomenclatura que serve a dita “arrumação” das espécies segue princípios de há muito enunciados, designadamente por Jorge de Alarcão (1974). De facto, nas «Cerâmicas Comuns», como noutras classes como as *sigillatae*, nenhum dos três critérios de designação (nome latino; nome em linguagem natural; meta-linguagem) satisfazem plenamente, pois a cada um deles se podem apontar problemáticas e limitações diversas e evidentes (Silva, 2012). Em sentido oposto, parece conveniente retirar de cada uma delas o proveito que pode proporcionar,

deste modo se explicando a aparente disparidade metodológica.

2.9.2.1. «Cerâmica Cinzenta» (e “Cinzenta” oxidante) de mesa (Estampa 6)

Num período e numa região onde imperam os fabricos de cerâmicas avermelhadas e/ou claras, um grupo de elementos vasculares produzido em ambiente redutor destaca-se visualmente do restante. Noutros âmbitos geográficos recebeu a designação de «Cerâmica Cinzenta Fina Polida», remontando à Idade do Ferro (Alarcão, 1974). O termo, porém, dificilmente se aplica a recipientes com as características que o grupo em causa ostenta, maioritariamente de feitura mais grosseira do que os seus antecedentes sidéricos, e só excepcionalmente polida.

O repertório do grupo é altamente limitado, constituído maioritariamente por taças de carena muito baixa (n.ºs 240, 165, 50, 953, 773, 962, 202, 500, 438, 1033, 446, 742, 781, 986, 239, 247, 428, 779, 141, 219 (?), 537, 779 e 141 - 20 NMI), e em muito menor medida jarros, inspirados em modelos metálicos (n.ºs 1068, 197, 157? - 4 NMI), e potinhos de bordo divergente (3 NMI- n.ºs 203, 838, 387, 746 e 468), por vezes com decoração externa a roletilha (n.º 947).

O modelo dominante é a taça, de bordo indistinto arredondado com ou sem demarcação pelo exterior, carena muito baixa e acusada e fundo de pé em anel alto. Esta continua a reproduzir modelos radicados nos finais da República, de que o exemplo regional mais bem estratigrafado se assinalou no Monte dos Castelinhos (Pimenta, 2013, p. 73, n.º 6, em fabrico oxidante). A assimilação deste elemento vascular a protótipos em «verniz negro» tem sido sugerida como explicação, mas talvez se devessem aduzir a estas “influências” as dos recipientes em *sigillata* hispânica precoce, especificamente os modelos hispânicos da taça do tipo Martínez I, como dos tipos *Conspectus* 7 e 8 em fabrico de modo itálico seus contemporâneos.

Parece interessante registar que o conservadorismo local do gosto por loiça de mesa escura se mantém ainda em período cláudio (19/25 NMI

«Cerâmica Cinzenta»), como assinalar que este sofre já a concorrência pela preferência pelas cores mais claras, como o acastanhado (n.º 537), o bêge (n.ºs 239, 247, 428, 779 e 141) e o vermelho (n.º 219), que impropriamente aqui se designaram como «Cinzentas Oxidantes».

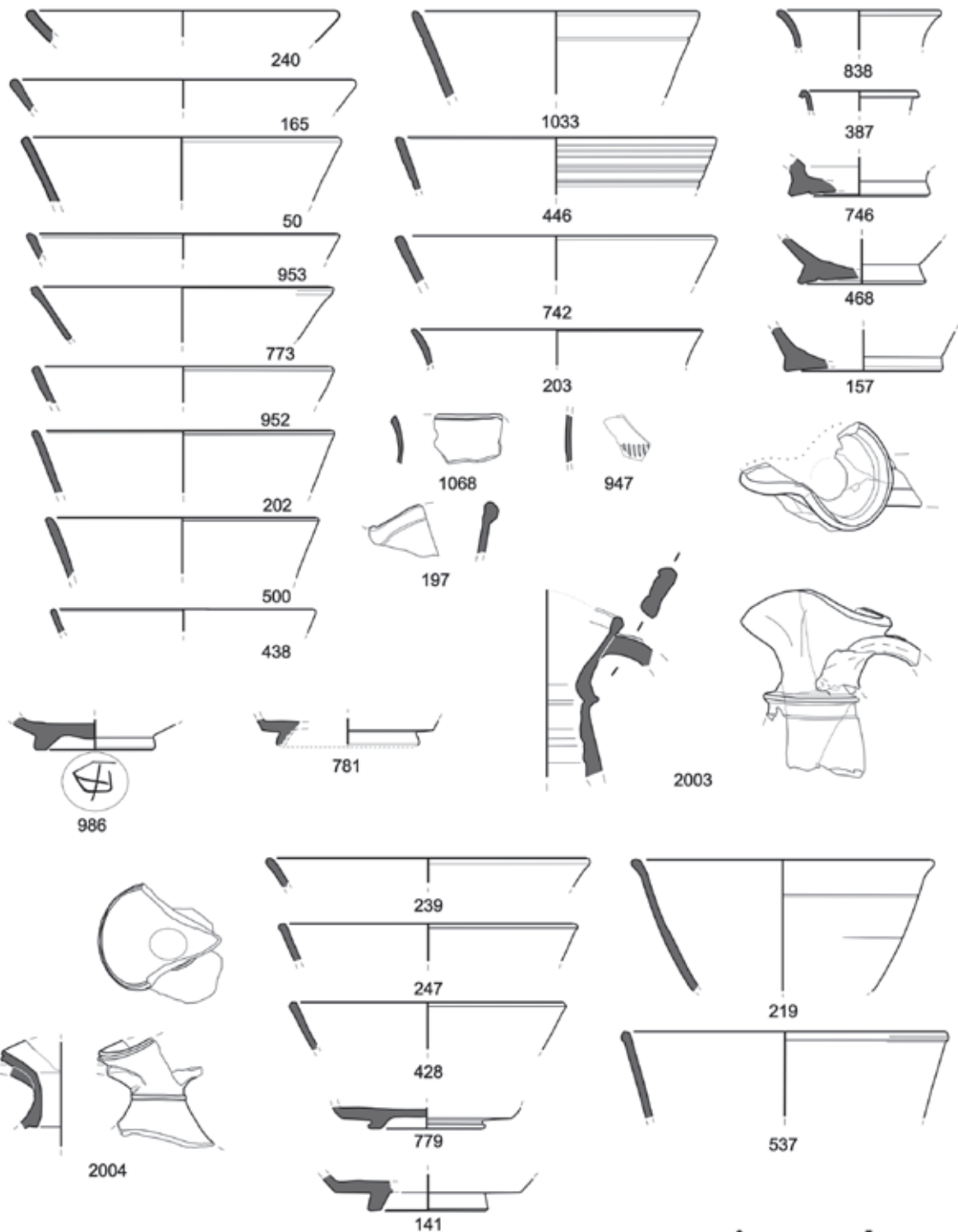
2.9.2.2. Cerâmica Comum de uso culinário e de armazenamento doméstico (Estampas 7 a 9)

Sobre a designação genérica indicada, necessariamente de contornos difusos, agrupámos o conjunto de elementos vasculares associados a usos domésticos mais estritamente culinários e de armazenamento.

As pastas do seu fabrico apresentam as mesmas características a nível de textura, normalmente de aspecto esponjoso e/ou foleáceo, e inclusões, estando presentes pequenas micras, elementos quartzosos (quartzitos, quartzos), ferruginosos, cerâmica moída, sendo frequentes pequenas fendas e alvéolos e raramente ocorrendo cavernas. Embora as cozeduras sejam variáveis, verificando-se exemplares redutores-oxidantes, o arrefecimento fez-se de forma invariavelmente oxidante, o que conferiu às superfícies tonalidades dentro do acastanhado, bêge, alaranjado e avermelhado. No estado actual dos conhecimentos é impossível adscrever os elementos vasculares a origens específicas dentro da região, sendo prudente lembrar que certas oficinas cuja existência ignoramos poderão ter existido em zonas próximas à cidade, por exemplo em áreas de intensa actividade oleira conhecida para a Idade Média e Época Moderna, de que as ocupações ulteriores terão obliterado os vestígios.

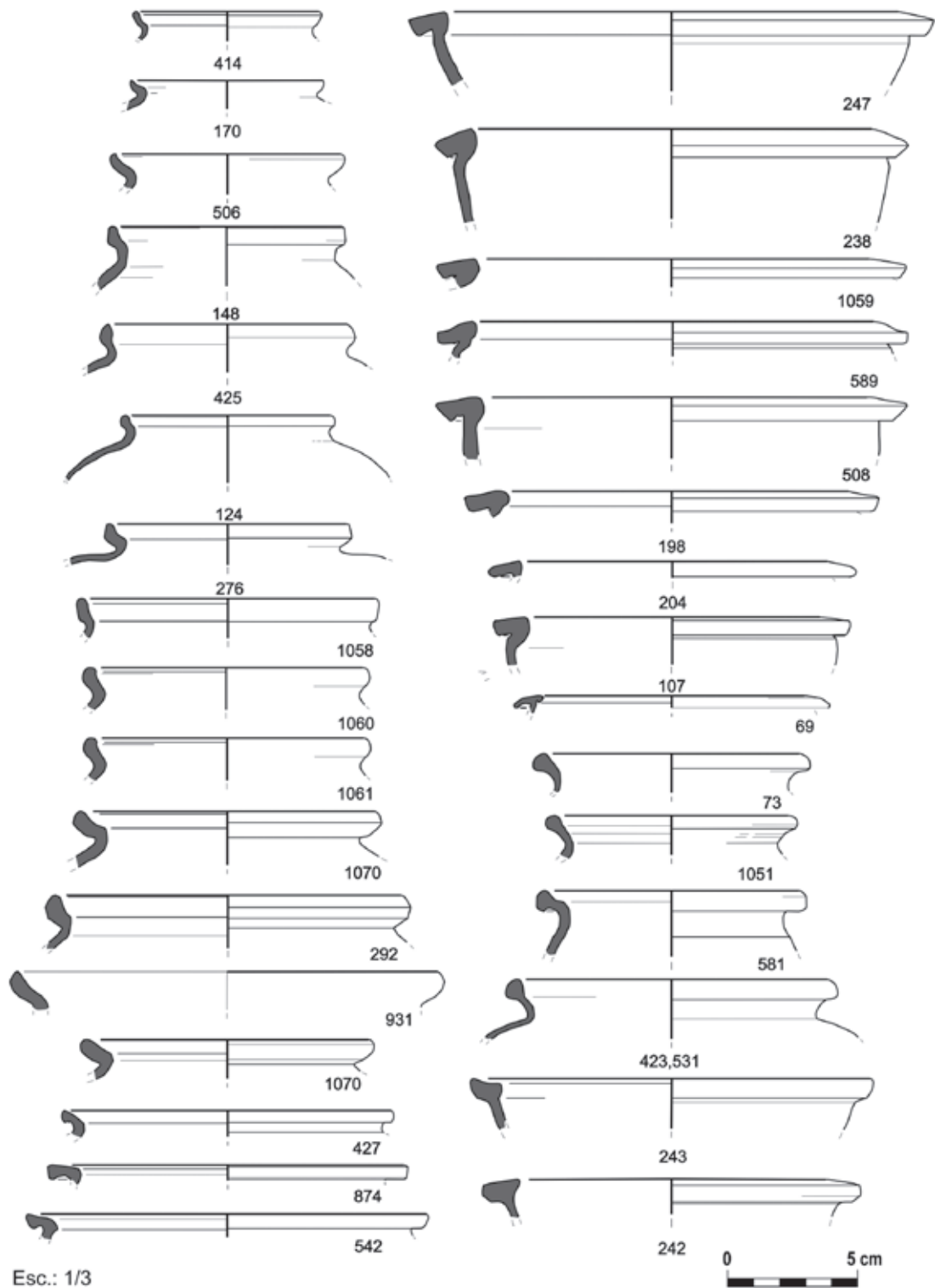
De um ponto de vista funcional, o número mais elevado de recipientes corresponde a uma relação equilibrada de potes e tachos (64 NMI), havendo uma representação menos significativa de terrinas (2 ou 3 NMI), jarros (7 NMI), pequenos potes/púcarinhos (5 NMI), tigelas (6 NMI) e testos (9 NMI).

Dentro dos potes/panelas, a forma mais representada teria corpo ovóide ou de tendência esférica e seguramente fundo ligeiramente côncavo, de que se conhecem vários exemplares de cronologia cláudio-neroniana e posterior de Lisboa, recolhidos

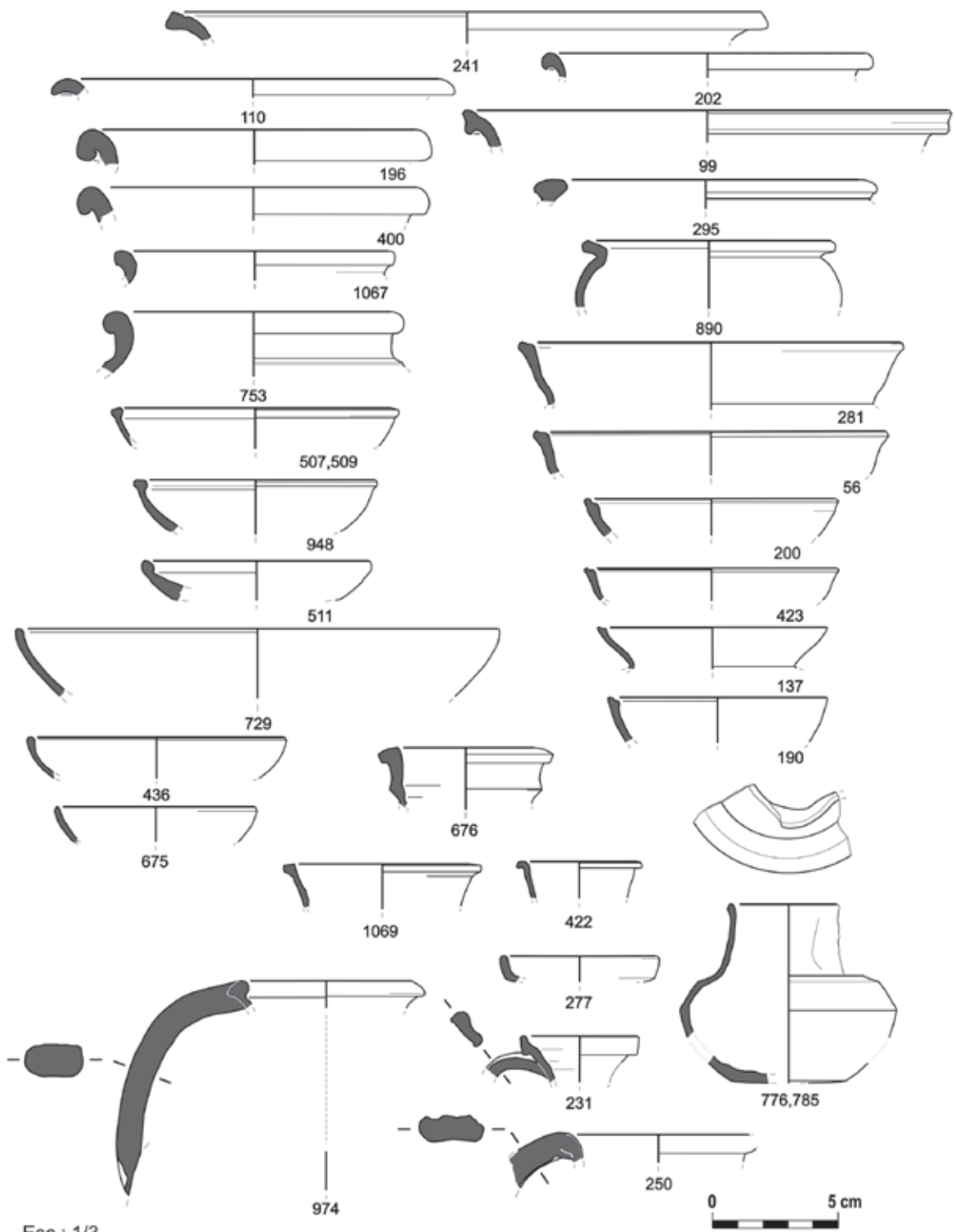


Esc.: 1/3

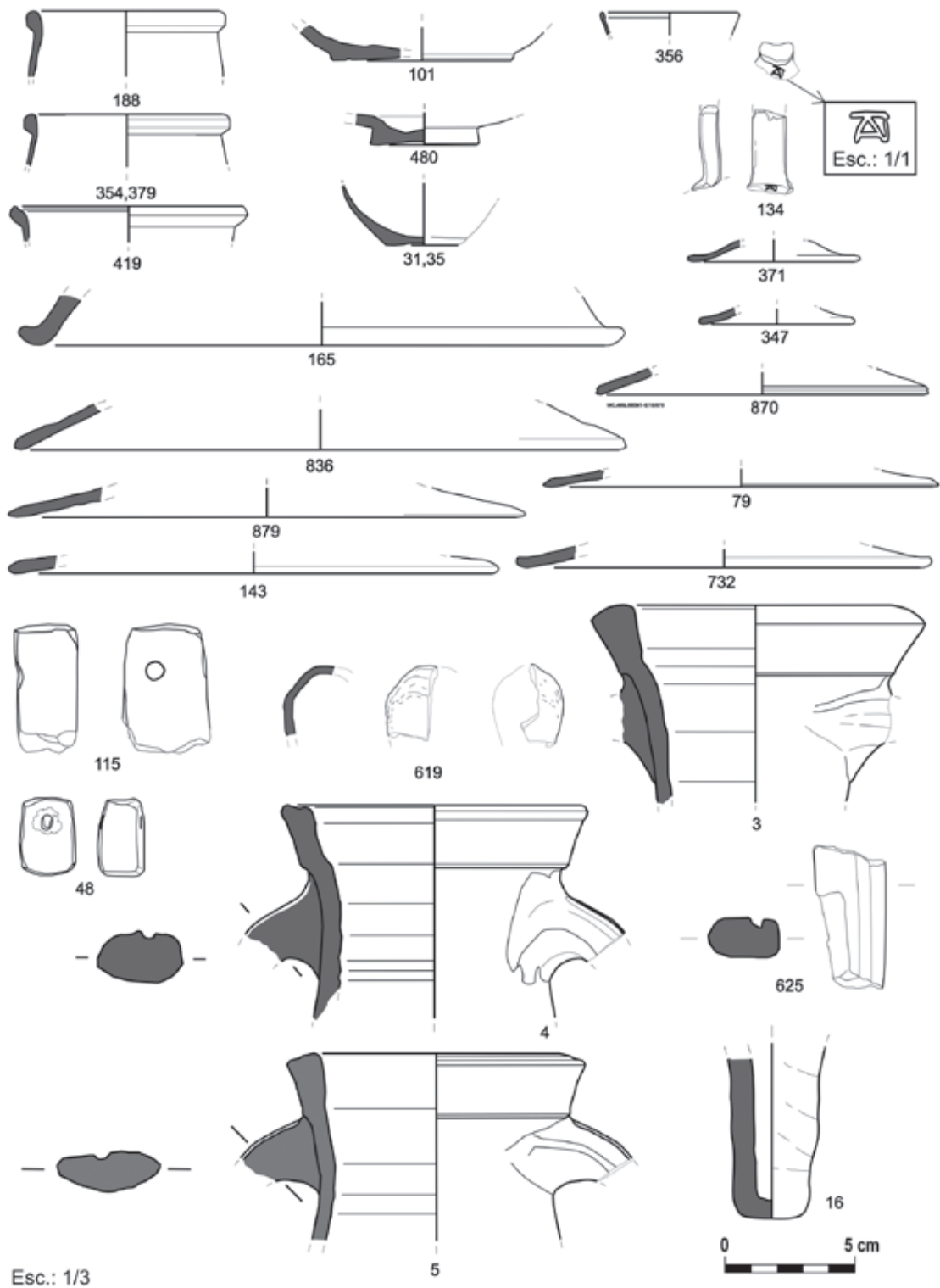
Estampa 6



Estampa 7



Estampa 8



Esc.: 1/3

Estampa 9

por Irilva Moita e Bandeira Ferreira em contextos funerários da Praça da Figueira (Moita, 1968; Ferreira, 1962). O atributo mais característico desta forma é a de, e citando Inês Vaz Pinto a propósito do conjunto de S.Cucufate, onde se assinalaram morfologias idênticas, ostentarem um “bordo anguloso em L formando garganta interna” (Pinto, 2005- tipo VIII-C-1). O bordo é exvasado, pode ser de lábio apontado (n^{os} 414, 170, 506, 425 e 931), arredondado (n^{os} 414, 148, 124, 276, 1070), arredondado de ligeiro ressalto interno (n^{os} 1060, 1061) e num caso, em fita (1058). Pressupondo-se um corpo e fundo similar, três outros potes apresentam bordo esvasado de secção rectangular, com ressalto interno (n^{os} 427, 874, 572). Se os exemplares de S.Cucufate são ligeiramente mais tardios, em Abúl surgem igualmente num contexto formado no tempo de Tibério (Mayet; Silva, 2002, p. 52, n^o 206 e segs.; 53, n^{os} 215 a 218). Em todos os casos a modelação destes bordos sugere que o modelo foi concebido para aplicar tampa.

Um outro modelo de pote apresenta um bordo espessado externamente, de perfil tendencialmente circular (Estampa 7, n^{os} 73, 1051, 581 e 423). Num caso a projecção subsistente do corpo sugere um formato menos globular (Estampa 7, n^o 581).

Um pequeno grupo de potes de lábio extrovertido encerra um interesse especial. Muito embora as pastas entronquem dentro do que é mais corrente no universo da «Cerâmica Comum» tagana e sadina, no caso foram mais intensamente depuradas, assemelhando-se ao que conhecemos para a Idade do Ferro local. Um exemplar evoca claramente os *pithoi* sidéricos dado o seu elevado diâmetro e o detalhe de ostentar uma canelura na parte interior do lábio (n^o 241). O mesmo aspecto sugerindo radicar numa tradição ancestral encerram os potes de bordo extrovertido de lábio afilado n^{os} 110 e 202 (Estampa 7).

Ilustrando outro tipo de modelo de pote cujo modelo remonta a períodos anteriores, tardio-republicanos, estão presentes os potes de bordo voltado para fora e secção circular (Estampa 8, n^{os} 196, 400, 106 e 753), num caso dotado de ressal-

to distintivo entre o curto colo e o corpo (n^o 753), com paralelos no acampamento militar de Alto dos Cacos (Pimenta; *et Al.*, 2012, p. 60, n^{os} 46-48) e no Monte dos Castelinhos (Pimenta, 2013).

Já o n^o 99, um pote de boca larga e lábio duplamente amendoado, e o n^o 295, de bordo dobrado sobre o ombro e voltado para o interior, tratam-se de exemplares representados apenas uma única vez no conjunto.

Seis bordos extrovertidos (Estampa 8, n^{os} 281, 56, 200, 423, 137, 190) constituem um sub-grupo muito homogéneo de potes de dimensões variáveis, onde se assinalam dois tamanhos, apresentando todos cuidadoso alisamento exterior, e vestígios de aguada também externa. O lábio é bifido e bordo sempre de perfil ligeiramente sinuoso. Em Lisboa conhecemos este modelo de pote mas somente em produção bética e em contextos tibérios a neronianos (Silva, no prelo), e a modelação leva a que pequenos fragmentos possam ser facilmente confundidos com tigelas, como aconteceu com exemplares também meridionais hispanos na lixeira tibéria de Abúl (Mayet; Silva, 2002, p. 45, 104-106). Deverá sublinhar-se que ao contrário do contexto da Rua dos Remédios a morfologia em fabrico lusitano está ausente no citado contexto júlio de Abúl.

O tacho (*caccabus*) de bordo em aba horizontal extrovertida e ligeira inflexão ou carena um pouco abaixo do bordo (Estampa 7, n^{os} 247, 238, 1059, 589, 508, 198, 204, 107) tem origem no modelo itálico Celsa 79.28 ou no protótipo metálico idêntico com a mesma origem (Aguarod, 1991, p. 99). No caso, a elaboração tagana/sadina distingue-se do protótipo por não dispor da acentuada carena interna, e aparece já com esta modelação no campo militar romano de Alto dos Cacos (Pimenta; *et Al.*, 2012, p. 60, n.º 45), tendo sido assinalado igualmente em Abúl, em estratigrafia tibéria contendo cerâmicas com esta data e augústeas (Mayet, Silva, 2002, p. 52, 193 e segs.).

O tacho ou terrina n^o 69 apresenta muito pouca espessura, e um perfil em forma de martelo. Duas terrinas sugerem o mesmo tipo de corpo, com paredes de perfil convergente, com duas variantes de

lábio de secção sub-rectangular, um esvasado e outro introvertido (**Estampa 7, nºs 242 e 243**).

As tigelas são, como se disse, em número reduzido. e tamanho normalmente pequeno, podendo distinguir-se três modelações do bordo, com lábio espessado interna e externamente (**Estampa 8, nºs 507 e 948**), demarcado interna e externamente (**nº 511**) ou arredondado (**nºs 729, 436 e 675**).

Os pequenos potes mostram, de igual modo, elevada variabilidade na modelação, equivalendo a cada um dos exemplares uma morfologia distinta (**Estampa 8, nºs 1069 e 422; Estampa 9, nºs 186, 354 e 419**). Fenómeno similar ocorre com os jarros, com variabilidade nos modelos de bordo, diretos com dobra (**Estampa 8, nºs 277 e 231**) e extrovertidos, de secção triangular (**Estampa 8, nºs 250 e 974**).

Um único jarro mostra corpo de dupla carena, uma média e outra alta, pequeno ressalto demarcando o colo alto e convergente, bordo simples de lábio arredondado, muito ligeiramente extrovertido, e boca trilobada (**Estampa 8, nº 776**).

Os púcarinhos asados estão representados por duas porções distintas de dois distintos indivíduos. Num primeiro caso apresenta um colo extrovertido e bordo um pouco espessado internamente (**Estampa 9, nº 356**). O outro exemplar (**Estampa 9, nº 134**), uma asa, é talvez dos mais interessantes contributos do presente trabalho no que respeita à «cerâmica comum» regional, tão ágrafa, pois na base externa do arranque da asa apresenta uma marca impressa onde se pode ler ATI, de que apresentamos a proposta de leitura *Ati(i)* (de *Atius*).

Um conjunto de 9 (NMI) testos mostra dois tipos principais: um primeiro, de dimensões variáveis, com bordo simples ou levemente espessado, onde três séries de tamanhos são evidentes, podendo-se talvez assimilar os de menor diâmetro a pequenos potes ou púcarinhos (**Estampa 9, nºs 371 e 347**), os medianos a potes, tachos e terrinas (**Estampa 9, nºs 870, 79, 732, 879 e 143**) e um maior a potes de maior dimensão (**Estampa 9, nº 836**); um segundo modelo equivale a um único indivíduo (**Estampa 9, nº 165**), de corpo campanular, lábio

extrovertido e demarcado, pertencente a um recipiente de maior dimensão. Este último encerra algumas afinidades formais com o tipo Celsa 79.106, de filiação helenística ou púnica, bem representado nos naufrágios tardo-republicanos romanos do Grand Conglué e Madrague de Giens (Aguarod, 1991, p. 118-119), mas porventura será mais próximo de Celsa 79.15, com modelação do bordo idêntica, presente nas estratigrafias de Cosa de 120/110 a 40/30 a.C. (Aguarod, 1991, p. 117). Deverá assinalar-se, de novo, o aparecimento de exemplares com esta morfologia na fossa detritica formada no principado de Tibério na olaria de Abúl, com origem no local (Mayet; Silva, 2002, p. 54, nºs 247-249).

2.10. Ânforas (Estampas 9 e 10)

O conjunto anfórico recolhido nas intervenções arqueológicas da Rua dos Remédios é composto, como o restante, por exemplares muito fragmentários, maioritariamente fragmentos de parede. Para além destes foi possível assinalar 28 espécies passíveis de serem classificadas porque preservaram porções do bordo, colo, asa e fundo.

Nestes, o predomínio dos fabricos oriundos do Guadalquivir é evidente, com 15 indivíduos (NMI), sendo seguidos pelas elaborações das áreas do Tejo/Sado, com 10 (NMI), apresentando-se os provindos da Baía de Cádiz de forma minoritária, com 3 exemplares apenas (NMI).

Em termos tipológicos o conjunto anfórico não é muito diversificado e compreende os tipos béticos e lusitanos mais correntes no período julio-cláudio, tendo-se documentado as morfologias Oberaden 83 / Ovóide 7 (3 ou 5 NMI), Dressel 20 (4 ou 6 NMI), Haltern 70 (5 NMI), Dressel 7/11 (1 NMI), “lusitana antiga”/Lusitana 12 de Diogo (9 NMI – conf. Diogo, 1987[1992]; Fabião, 1997) e Dressel 28 e/ou de “tipo *urceus*” (4 NMI – conf. Morais, 2007).

O equilíbrio em termos das categorias básicas dos conteúdos dos envases é, portanto, um traço caracterizador dos contextos deste ponto de *Olisipo*, assinalando-se o predomínio dos envases oleícolas e vinícolas béticos, e uma expectável escassa competência desta origem nos produtos piscícolas en-



Estampa 10

vasados em ânforas, onde dominam os fabricos lusitanos, geograficamente bem mais próximos.

Os exemplares lusitanos denotam uma grande homogeneidade formal no que respeita à configuração da modelação do bordo, colo e asas, aspecto que interessa sobretudo ao estudo específico destes modelos julio-cláudios, que desenvolvemos noutra local (Silva; *et Al.*, no prelo).

Merece também neste âmbito uma referência especial à presença dos envases denominados por Rui Morais como de “tipo *urceus*” (Morais, 2007). Muito característicos pelos seus detalhes morfológicos, pelo menos dois dos exemplares representam três partes distintas destes contentores (bordo, asa e fundo), numa fábrica de muito pequeno tamanho sobre cuja correcção da aplicação do termo “ânfora” se pode interrogar. Todavia, não se pode olvidar tratarem-se efectivamente de ânforas, mais propriamente de “ânforas de mesa”, fenómeno de qualquer das formas bem atestado na Antiguidade. Seja como for, não poderá deixar de se enfatizar a enorme similitude formal e de fabrico com os restantes contentores anfóricos vinários “mais clássicos” oriundos das mesmas paragens meridionais hispânicas (Baía de Cádiz e Guadalquivir), factor que encerra significado no que respeita ao conteúdo respectivo, pelo que nesta óptica se justificará plenamente a sua consideração neste apartado.

2.11. Pesos de tear (Estampa 9)

No contexto foram identificados dois pesos de tear, cuja relação com as actividades domésticas é inevitável, bem patentes no esboçamento do nº 115. Embora sejam ambos de pequena dimensão, os menos de 4 cm de altura máxima do exemplar nº 48 são pouco usuais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto da Rua dos Remédios constitui um repositório quantitativamente rico e diversificado de elementos vasculares vítreos e metálicos a uso até à época de Cláudio. As inferências mais correntes, e de há muito elaboradas a propósito deste tipo

de realidades, reportam-se aos aspectos morfo-tipológicos, cronológicos e de origem dos diversos indivíduos, bases a partir das quais se exploram a um outro nível aspectos concernentes à economia antiga, designadamente a definição dos ritmos do sítio e o esclarecimento das conexões que se estabeleceram no passado entre o local do achado, na sua qualidade de sítio de consumo, com as áreas e sítios de origem do aprovisionamento, e as redes existentes que permitiram os fluxos dos objectos.

Nesta óptica, fica patente que o contexto da Rua dos Remédios desenha um quadro com razoável correspondência noutros pontos arqueológicos de *Olisipo* (Silva, no prelo), onde se notam as fortes conexões com a Península Itálica e, a um nível superior, com a vizinha Bética, e, por fim, uma elevada competência das artesanias e/ou manufacturas oleiras regionais/locais no abastecimento à cidade da Foz do Tejo, todavia circunscritas a determinados segmentos de mercado.

No entanto, e antes do mais, convém ter presente que o contexto presente constitui tão só uma *amostragem*, dado que os espaços urbanos são caracteristicamente heterotópicos, e que a composição daquela depende não somente dos ritmos e mecanismos económicos de difusão dos objectos, como de igual modo ela é o resultado de uma determinada identidade cultural que, por definição, é colectiva (Poblome, 2013; Lund; *et Al.*, 2013; Poblome; *et Al.*, 2014), e de um perfil socio-económico, que em sentido inverso varia necessariamente no interior da cidade e que se reflecte de forma distinta de um tipo funcional de contexto para outro, no interior do espaço urbano, e ao longo do tempo (Peña, 2007).

Noutro sentido, outras problemáticas têm de ser igualmente consideradas, por serem parte do pano de fundo das amostragens: reportamo-nos, no concreto, ao diferente *tempo de vida a uso* dos diferentes tipos de objectos, aspecto pela primeira vez enfrentado teoricamente de forma estruturada por J. Theodor Peña (2007), e à necessidade de melhor conhecermos (e estudarmos) os mecanismos de descarte praticados especificamente na cidade e naquele momento.

Começando por esta última matéria, verifica-se a detecção de fossas detriticas em áreas suburbanas olisiponenses, de dimensões variáveis mas limitadas, encerrando datas julio-cláudias, contendo elementos dotados de relativa homogeneidade cronológica. Nelas reiteradamente se constata que o vidro é escasso, o metal está ausente ou é raro, os materiais de construção pouco numerosos ou ausentes, e a representação faunística francamente discreta e seleccionada (Casimiro; *et Al.*, no prelo), conjunto de atributos que compõem um indicador sugestivo de uma prática de soluções de carreamento dos detritos sólidos urbanos previamente triados, feita a partir das áreas residenciais para o exterior, por modo próprio ou contratualizado.

Neste âmbito, as dimensões limitadas deste tipo de entidades arqueológicas sugerem formações originadas em espaços curtos no tempo, podendo pressupor-se neste sentido não serem porventura o resultado somatório do saneamento de numerosos espaços dispersos pelo interior da cidade, podendo pressupor-se-lhes alguma fiabilidade como elementos de aferição dos padrões de consumo das zonas mais próximas. Corroborando esta noção, embora discretos são notórios os elementos de contraste entre as zonas norte-ocidental, aferidas na Praça da Figueira, e oriental, de que se conhecem a Rua dos Remédios e uma pequena fossa não muito distante, na Rua da Regueira: o surgimento nos dois pontos da zona de Alfama de cerâmica vidrada, almofarizes itálicos ou de “ânforas-de-mesa” parece indiciar um perfil sócio-económico mais elevado do que o que deu origem aos contextos da Praça da Figueira. Pode ser que o futuro das investigações sobre Lisboa venha a documentar de uma outra forma mais suportada em dados materiais, que esta zona da cidade, por estar menos exposta aos cheiros exalados pelas *officinae de garum* que pululavam no subúrbio ocidental, terá merecido alguma preferência por parte de segmentos sócio-económicos mais elevados da sociedade de *Olisipo*, perspectiva para já somente intuída porque feita a partir de uns poucos conjuntos cerâmicos e vítreos, o que é manifestamente insuficiente.

Noutro sentido, o desenvolvimento recente das pesquisas sobre a composição dos trens cerâmicos domésticos de Pompeia poderá dar indicações acerca da escala de origem do contexto da Rua dos Remédios, elemento de fiabilidade necessariamente limitada dadas as grandes distâncias históricas e geográfico-culturais entre ambas as realidades. Ora, na cidade campana Penelope Allison estimou em torno da dezena os elementos em *terra sigillata* que integravam os serviços de mesa das habitações destruídas em 79 d.C., crendo como mais representativa a “*Casa de Iulius Polibius*”, onde dos cinquenta e oito recipientes em vários materiais, oito eram em *terra sigillata* (Allison, 2010, p. 24), calculando Rinse Willet e Jeroen Poblome, através de um estudo mais amplo e compreensivo sobre a cidade do Vesúvio, em curso, um valor estatístico de 8,9 vasos em *sigillata* por habitação familiar média (Willet; Poblome, 2011, p. 103; Poblome, 2013). Tomando em consideração estes números, os 34 indivíduos da mesma classe cerâmica da Rua dos Remédios implicariam respeitar a mais do que três habitações, no mínimo, podendo ter-se verificado no passado a possibilidade de acumulação de elementos vasculares entretanto descartados no interior das habitações. Esta indicação aparece corroborada pelos números atingidos pelas *ollae* e *caccabii* em fabrico regional, que podem remontar o número mínimo de habitações a valores um pouco mais elevados.

No que respeita ao tempo de vida a uso dos objectos, a *sigillata*, como as «cerâmicas de paredes finas», sugerem tempos de vida bem mais amplos praticados na cidade do Tejo do que, por comparação, em Roma, onde se estimaram valores em torno dos 1-3 anos (Peña, 2007). Esta conclusão, aliás, já se encontrava plenamente suportada para Lisboa pelos dados dos sepultamentos escavados em 1961 e 1962 na Praça da Figueira, onde se constatou que nos períodos de Cláudio e Nero os conjuntos de *terra sigillata* podiam incluir, a par de vasos presumidamente novos ou próximo disso, outros congéneres com mais de 15 anos (Silva, 2005).

Por fim, importa retomar a questão relativa ao perfil da identidade cultural local. É de uma eviden-

te utilidade a este propósito o contributo proporcionado pela epigrafia regional, onde se assinala forte contraste entre as áreas rurais e a urbana, sendo ali significativa a teonímia e onomástica céltica, que estão quase ausentes na cidade, sendo sempre forte a componente itálica, alguma da qual antiga e traduzindo a remota fixação de contingentes populacionais com aquela origem, assinalando-se alguma onomástica urbana helénica (Guerra, 2003). O cosmopolitismo portuário do ambiente urbano é evidente, como o é a presença e robusta influência itálica sentida no período tardo-republicano, que tem aliás múltiplas outras expressões.

É este perfil dos consumidores que nos ocorre de alguma maneira plasmado nas escolhas vasculares locais, e parece-nos ser esta a explicação que melhor se ajusta quer ao constatado conservadorismo do hábito olisiponense no uso de cerâmica de mesa escura («cerâmica cinzenta»), quer em relação à assimilação dos modelos formais itálicos em cerâmica comum observados, largamente dominantes em termos quantitativos face aos que radicam em tradições prévias à «romanização» do território.

O impacte nas inferências arqueológicas do conjunto das problemáticas afloradas limita a extrapolação dos dados para uma leitura mais geral da cidade, que requer a contrastação com outras amostragens similares de Lisboa e a revisão e refinamento de outras, todavia ainda por executar. Ainda assim, e em função dos poucos dados disponíveis (Silva, no prelo), o contexto da Rua dos Remédios transmite uma imagem de alguma coerência do fácies cerâmico e vítreo olisiponense de meados do séc. I d.C..

BIBLIOGRAFIA

AGUAROD ORAL, Carmen (1991) – *Ceramica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Saragoça, Institución Fernando El Católico.

ALLISON, Penelope. M. (2010) – Understanding Pompeian households practices through their material culture. *Facta. A Journal of Roman Material Culture Studies*. 3. Pisa, Roma, p. 11-33.

AMARO, Clementino (1982) – Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. nº 6. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, p. 96-111.

AMARO; Clementino; SEPÚLVEDA, Eurico de (2007) – Casa dos Bicos 25 anos depois: as marcas de oleiro em *terra sigillata*, *Al-madan*. II Série, nº 15, *Adenda Electrónica*, VIII. Almada, Centro de Arqueologia de Almada, p. 1-9 (<http://www.almadan.publ.pt>.) [Consultado a 02.08.2009]

AMORES, Fernando; KEAY, Simon J. (1999) – Las sigillatas de imitación tipo Peñafior o una serie de Hispánicas Precoces. In ROCA ROUMENS, Mercedes; FERNÁNDEZ GARCÍA, María Isabel (Coords.) – *La Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales, Homenaje a M^a Ángeles Mezquíriz*. Jáen/Málaga, Universidad de Jáen, Universidad de Málaga, p. 235-252.

ARCELIN, Patrick; TUFFREAU-LIBRE, M., Dir. (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Ates de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 avril 1998)*. Glux-en-Glenne, Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (*Colletion Bibrate* ; 2).

BENEDETTO, G. E. DE; GIANNOSSA, L.; MANGONE, A.; SABBATINI, L. (2008) – “Glazed ceramics in the Vesuvian Area: results of an archaeometric investigation”. In *Vesuviana-Archeologie a Confronto (Convenio Internazionale 14-16 gennaio 2008)*. Poster (www.academia.edu) [consultado a 29 de Setembro 2014].

BUGALHÃO, J. (2001) – *A Indústria Romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 15).

BUGALHÃO, Jacinta; ARRUDA, Ana Margarida; Sousa, Elisa; DUARTE, Cidália (2013) – Uma necrópole na praia: o cemitério romano do núcleo arqueológico da rua dos Correiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16. Lisboa, Direção Geral do Património Cultural, p. 243-275.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; HUGUET ENGUITA, Esperanza (2007) – Las cerámicas «Tipo Peñafior». In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA y LACOMBA, A., Dir. – *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 297-306.

- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2005) – “Olaria Romana do Morraçal da Ajuda (Peniche-Portugal)”. In *Actas do Congresso «A Presença Romana na Região Oeste»*. Bombarral, Câmara Municipal do Bombarral, Museu Municipal do Bombarral, p. 83-102.
- CASIMIRO, Sílvia; MONTEIRO, Martina; SILVA, Rodrigo Banha (no prelo) – Faunal samples from closed contexts of the Roman *Olisipo* – in between the Principalities of Tiberius and Nero. In *Actas de la Reunión Científica Arqueozoología de la Romanización – La Romanización de la Península Ibérica: Una visión desde la Arqueozoología (Léon, 19 e 20 de Setiembre, 2013)*. León: Universidad de León.
- DICOCER = PY, Michel, dir. – *Dicocer – Dictionnaire des Céramiques Antiques (VII ème s. av. n. è. – VII ème s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdam), Lattara. 6*. Lattes, Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental.
- DIOGO, A.M. Dias (1987) [1992] – Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano”, in *O Arqueólogo Português, IV Série*, n.º 5. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, p.179-191.
- FABIÃO, Carlos (1997) – A exploração dos Recursos Marinhos. In *Portugal Romano, A exploração dos Recursos Naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 35-58.
- FERNANDES, Lúcia; FILIPE, Vítor (2007) – Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10, fasc. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 229-253.
- FERREIRA, Fernando António R. (1962) – *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira em Lisboa*. Lisboa, Junta Nacional da Educação (manuscrito-exemplar policopiado a partir de microfilme).
- GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra (2007) – As muralhas de *Olisipo* – O troço junto ao Tejo. In *Muralhas de Ciudades Romanas en el Occidente del Imperio, Lucus Augusti como paradigma, Actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26 – 29.XI.2005), en el aniversario de la Declaración por la UNESCO, de la muralha de Lugo como Património de la Humanidad*. Lugo: Servicio de Publicaciones de la Departación Provincial de Lugo, p. 687-697.
- GUERRA, Amílcar (2003) – Algumas notas sobre o Mundo Rural do território olisiponense e as suas Gentes. In SANTOS, A. R.; KUZNETZOVA-RESENDE, T.; GUERRA, A., dirs. – *Mundo Antigo. Economia Rural*. Lisboa: Colibri, p. 123-150.
- ISINGS, C. (1959) – *Roman glass from dated finds*. Groningen e Djakarta, Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico (*Archaeologica Traiectina*; II).
- LOPEZ MULLOR, (1981) – Notas para una clasificación de los tipos más frecuentes de la cerámica vidriada romana en Cataluña.
- Ampúrias*. Tomo 43. Barcelona: Museu D’Arqueologia de Catalunya, p. 201-216.
- LUND, John; POBLOME, Jeroen; MALFITANA, Daniele (2013) – Negotiating the complexity of Material Culture. *HEROM- Journal of Hellenistic and Roman Material Culture*.2. Lovaina: University Press Leuven, p. 7-10.
- MARTIN-KILCHNER, Stephanie (1983) – Les amphores romaines à huile de Bétique (Dr.20 et 23) d’August (Augusta Rauricum) et Kaiseraugst (Castrum Rauracense). In *Segundo Congreso Internacional Producción y Comercio del aceite en la Antigüedad (Sevilla, 24 a 28 Febrero de 1982)*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, p. 337-347.
- MARTINEZ RODRÍGUEZ, Fernando (1989) – Las cerámicas béticas de imitación tipo Peñaflor: bases para el estudio de un nuevo grupo cerámico de época altoimperial. *Boletín de la Asociación Española de los Amigos de la Arqueología*. 26. Madrid: Asociación Española de los Amigos de la Arqueología, p. 60-65.
- MAYET, Françoise (1975) – *Les céramiques a parois fines dans la Peninsule Ibérique*. Paris: Diffusion De Boccard.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares (2002) – *L’atelier d’amphores de Abul. Portugal*. Paris: Diffusion de Boccard.
- MOITA, Irisalva (1968) – Achados de época romana no sub-solo de Lisboa. *Revista Municipal*. Ano 19, nº 116-117. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 33-71.
- MORAIS, Rui (2007) – Ânforas tipo *urceus* de produção Bética e produções regionais e locais do NW Península. In *Congresso Internacional CETARIAE 2005. Salsas y Salazones de pescado en occidente durante la Antigüedad*. Oxford: Archaeopress (*British Archaeological Reports, International Series*; 1686), p. 401-415.
- NOTS = HARTLEY, Brian; DICKINSON, Brenda (2008-2012) – *Names in Terra Sigillata, an Index of maker’s stamps & signatures on gallo-roman terra sigillata (samian ware)*, 9 vols. Londres: Institute of Classical Studies, University of London (*Supplementum*; 102-1 a 102-9).
- OCK = OXÉ, August; COMFORT, Howard; KENRICK; Phillip. (2000) – *Corpus Vasorum Arretinorum* (2ª Ed., revista e ampliada). Bona: Dr. Rudolf Von Habelt GmbH (*Antiquitas*; 41).
- PEÑA, J. Theodore (2007) – *Roman Pottery in the Archaeological Record*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PEREIRA, Maria Amélia Horta (1970) – O dolium cinerário, com skyphos vidrado a verde, da necrópole de Paredes (Alenquer). *Conimbriga*. IX. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 45-74.
- PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2005) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8, fasc. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 313-334.

- PIMENTA, João; HENRIQUES, Eurico; MENDES, Henrique (2012) – *O acampamento Romano do Alto dos Cacos. Almeirim*. Almeirim: Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- PIMENTA, João (2013) – *Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca e a conquista romana do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PINTO, Inês Vaz (2005) – *A Cerâmica Comum das uillae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- PINTO, Inês Vaz; MORAIS, Rui (2007) – Complemento do comércio das ânforas: a cerâmica comum bética no território português. In *Congresso Internacional CETARIAE 2005. Salsas y Salazones de pescado en occidente durante la Antigüedad*. Oxford, Archaeopress (*British Archaeological Reports, International Series*; 1686), p. 235-254.
- POBLOME; Joeroen (2013) – Money makes pottery go round. In POBLOME, J., ed. – *Exempli Gratia. Sagalassos, Mark Waelkens and interdisciplinary archaeology*. Lovaina: University Press Leuven, p. 81-94.
- POBLOME, Jeroen; MALFITAMA, Daniele; LUND, John (2014) – It's complicate... Past cultural identity and broken pottery. Editors Preface. *Rei Cretariae Romanae Fautores. Acta 43*. Xanten: Rei Cretariae Romanae Fautores, p. xi-xvii.
- QUARESMA, José Carlos (2006) – Almofarizes béticos e lusitanos: revisão morfocronológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9, fasc. 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 149-166.
- REVILLA, Víctor; ROCA, Mercè (2010) – *Contextos ceràmics i cultura material d'època augustal a l'occident romà. Actes de la reunió celebrada a la Universitat de Barcelona els dies 15 i 16 d'abril de 2007*. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- SALVADO, Sallette Simões (1994) – 2. Lisboa Evolução: Período Romano. In SUCENA, E.; SANTANA, F., dir. – *Dicionário de História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, p. 503-509.
- SANTOS, Cézer Renato dos (2012) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia orientada pelos Prof.s Dr.s Carlos Fabião e Catarina Viegas)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- SILVA, Augusto Vieira da (1945) – *Epigrafia de Olisipo Subsídios para a história da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2005) – *As «marcas de oleiro» na terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.) (Dissertação de mestrado em Arqueologia, especialização em Arqueologia Urbana, apresentado à Universidade do Minho)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais (policopiado).
- SILVA, Rodrigo Banha da (2012) – *As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa (Dissertação de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)*. Lisboa: FCSH-UNL (policopiado).
- SILVA, Rodrigo Banha da (no prelo) – O facies cerâmico em *Olisipo* (Lisboa): o período julio-cláudio. In GARCÍA FÉRNANDEZ, M. I.; RUIZ MONTEZ, P., ed. – *Actas del Simposio Internacional «Facies» y Contextos Cerámicos Alto-Imperiales en el Sul de la Península Ibérica (Granada, 2013)*. Granada: Universidad de Granada.
- SILVA, Rodrigo Banha da; FILIPE, Victor; ALMEIDA, Rui (no prelo) – Julio-Claudian amphorae: a perspective on selected contexts from *Olisipo* (Lisboa). In PINTO, I. V.; LOPES, M. C., ed. – *Proceedings of the International Congress on Lusitanian Amphorae (Tróia, 10-12 November 2013)*. Oxford: Archaeopress (*B.A.R., International Series*).
- WILLET, Rinse; POBLOME, Jeroen (2011) – The pale red slip dot. *Facta. A Journal of Roman Material Culture*, 5. Pisa, Roma, p. 101-110.
- VIEIRA, Vasco Noronha (2012) – Os Mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa em Alfama. In *Portugal Romano.com – Revista de Arqueologia Romana*. Ano I, nº 3 (<http://www.portugalromano.com/tag/revista-portugal-romano>) [Consultado a 20 de Junho de 2014].